

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS**

LEITURA EM VOZ ALTA: VOZ E SUBJETIVIDADE

Fabício de Saibro

**Porto Alegre
2023**

FABRÍCIO DE SAIBRO

LEITURA EM VOZ ALTA: VOZ E SUBJETIVIDADE

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem com ênfase em Análises textuais, discursivas e enunciativas apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luiza Ely Milano
(PPGLETRAS/UFRGS)

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

de Saibro, Fabrício
Leitura em Voz alta: voz e subjetividade / Fabrício
de Saibro. -- 2023.
83 f.
Orientador: Luiza Ely Milano.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. leitura. 2. voz. 3. subjetividade. 4.
performance. 5. literatura. I. Milano, Luiza Ely,
orient. II. Título.

Fabício de Saibro

LEITURA EM VOZ ALTA: VOZ E SUBJETIVIDADE

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Porto Alegre, 31 de março de 2023

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Aline Vargas Stawinski
Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA)

Profª Drª Maria Marta Borba Orofino (CE-GHC)
Centro de Educação Tecnológica e de Pesquisa em Saúde – Grupo Hospitalar Conceição

Profª Drª Patrícia da Silva Valério
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade de Passo Fundo (UPF)

*Dedico este trabalho a minha primeira escola
que foi minha família e a meu primeiro mestre
que foi a criança que fui.*

AGRADECIMENTOS

À Luiza Milano que, através da sua contagiante paixão pela Leitura em Voz Alta, permitiu que eu me aventurasse por este campo tornando possível esse trabalho.

Às pessoas com quem compartilhei inúmeros momentos especiais lendo em voz alta: Ana Luisa, Ângela Foletto, Augusto Stevanin, Dalila Frota, Elaine Milmann, Franciele Lenz, Gibran Ayub, Iuri Palma, Marcia Menegat, Mercedes Silva, Neli Fornari, Paulo Rodrigo Ohar, Rosa Ângela, Vera Nazzari, Víctor Martínez, Silvani Severo, Tiago Miguel Stieven e Luiza Milano.

Às colegas do grupo “Rastro do som em Saussure: sob o efeito da escuta”: Aline Stawinski, Augusto Stevanin, Bianca de Jorge, Carolina Ritter, Elisa Devit Ottaran, Gibran Ayub, Janaína Gomes, Laura Frydrych, Mélanie Dias, Rosana Oliveira, Silvani Severo, Victória Barbosa e Tiago Carrer.

À Elisa Devit Ottaran, que além de colega se tornou revisora e amiga.

À minha mãe Marta C. de Saibro e ao meu pai Antônio Carlos G. de Saibro que sempre estão ao meu lado.

À Iuri Palma pela voz nos momentos de troca, e pela escuta nos momentos em que a jornada se tornou mais difícil.

O som do signo guarda, na sua aérea e ondulante matéria, o calor e o sabor de uma viagem noturna pelos corredores do corpo. O percurso, feito de aberturas e aperturas, dá ao som final um protossentido, orgânico e latente, pronto a ser trabalhado pelo ser humano na sua busca de significar. O signo é a forma da expressão de que o som do corpo foi potência, estado virtual (BOSI, 1977, p. 42).

RESUMO

Ler em voz alta não é um hábito recente, já na Grécia antiga os ensinamentos do grego clássico eram transmitidos através da leitura de poemas e outros textos. Inicialmente essa prática era mais difundida entre aqueles poucos que sabiam ler essencialmente com a finalidade de partilhar documentos e informações oficiais. Com o decorrer dos anos, essa atividade perde popularidade, ficando mais restrita às salas de aula e instituições religiosas. No entanto, esse cenário vem mudando, e a leitura em voz alta novamente ganha importância: mais do que apenas uma prática de recepção passiva, apresenta-se como uma prática interativa entre texto e leitor, além de um potente exercício de produção de subjetividade, especialmente se considerarmos que os efeitos da leitura permanecem reverberando no leitor após seu término. Nesse sentido, a presente dissertação tem por objetivo lançar um olhar sobre a atividade de leitura em voz alta de textos literários e seus efeitos, partindo de uma reflexão teórica sobre atividade de extensão “Leitura em Voz Alta”, e busca refletir a respeito das variáveis linguísticas, literárias e psicológicas que constituem essa atividade, sem a pretensão de analisar recortes de cenas; para tanto, argumenta-se a favor de uma perspectiva que considera a leitura em voz alta como uma prática mobilizadora de subjetividade. O texto da presente dissertação está organizado de forma que inicialmente apresenta alguns dos principais autores do campo do conhecimento linguístico, como Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin, que apesar das diferentes abordagens e formas de pensar, receberam destaque aqui por terem dedicado um olhar à “voz” – ainda que em seus estudos a voz não tenha ocupado o papel de objeto central de pesquisa. A seguir, estabelece-se um diálogo entre voz e literatura, para, então, abordar questões da psicanálise relacionadas à voz, escuta, linguagem e clínica, explorando o papel que a voz ocupa na concepção teórica psicanalítica, e buscando entender como ela abre espaço para dialogar com a linguística. Por esse viés, investiga-se também questões relacionadas ao trabalho com grupos através da abordagem psicanalítica, para respaldar uma interpretação na dinâmica da leitura em voz alta compartilhada. Por fim, discute-se questões relacionadas à prática da leitura em voz alta, passando pela história da leitura e sua relação com a escrita, amparando-se em autores como Manguel (2021), Jean (1999) e Milano (2020, 2021, 2023) que consideram o ato de ler em voz alta um grande potencializador não apenas do encontro com o autor, mas também do encontro com o outro.

Palavras-chave: Leitura. Voz. Performance. Subjetividade. Literatura.

ABSTRACT

Reading aloud is not a recent habit; in ancient Greece, teachings of classical Greek were transmitted through the reading of poems and other texts. Initially, this practice was more widespread among the few who could read, essentially for the purpose of sharing official documents and information. Over the years, this activity lost popularity, becoming more restricted to classrooms and religious institutions. However, this scenario is changing, and reading aloud is once again gaining importance. More than just a passive reception practice, it presents itself as an interactive practice between text and reader, as well as a powerful exercise in subjectivity production, especially considering that the effects of reading continue to reverberate in the reader after its completion. In this sense, this dissertation aims to take a look at the activity of reading literary texts aloud and its effects, starting from a theoretical reflection on the extension activity "Reading Aloud", and seeking to reflect on the linguistic, literary, and psychological variables that constitute this activity, without the pretension of analyzing specific scenes. Therefore, we argue in favor of a perspective that considers reading aloud as a mobilizing practice of subjectivity. The text of this dissertation is organized in a way that initially presents some of the main authors in the field of linguistic knowledge, such as Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste, and Mikhail Bakhtin, who, despite their different approaches and ways of thinking, have been highlighted here for having dedicated a gaze to the "voice," even though the voice did not occupy the central role of research object in their studies. Next, a dialogue between voice and literature is established to address issues of psychoanalysis related to voice, listening, language, and clinic, exploring the role that the voice occupies in psychoanalytic theoretical conception, and seeking to understand how it opens space to dialogue with linguistics. Through this lens, issues related to group work through the psychoanalytic approach are also investigated to support an interpretation of the dynamics of shared reading aloud. Finally, issues related to the practice of reading aloud are discussed, covering the history of reading and its relationship with writing, relying on authors such as Manguel (2021), Jean (1999), and Milano (2020, 2021, 2023), who consider reading aloud to be a great potentializer not only for encountering the author but also for encountering the other.

Keywords: Reading. Voice. Performance. Subjectivity. Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Circuito da <i>parole</i> (CLG, 2012, p. 43)	22
Figura 2 – Circuito da <i>parole</i> adaptado do CLG por Stawinski (2020)	24

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Três pontos de vista para se pensar a voz (PARRET, 2002)	20
Quadro 2 – Tabelas de classificação do trabalho grupal	54

SUMÁRIO

Minha Voz ...	11
1 A voz e a linguagem	15
1.1 A voz e a linguística	16
1.1.1 Saussure e a voz	17
1.1.1.1 Circuito da <i>parole</i> e circuito da voz	22
1.1.2 Benveniste e a voz	25
1.1.3 Bakhtin e a voz	28
1.1.4 Algumas considerações	32
1.2 A voz e a literatura	32
1.2.1 Voz, performance e escrita poética	33
1.2.2 Marcas da voz na letra	35
1.2.3 Mas por que ler em voz alta?	37
2 Voz, psicanálise e linguagem	40
2.1 Psicanálise e voz	41
2.2 Psicanálise e linguística	44
2.3 Psicanálise e escuta	47
2.4 A voz e a clínica psicanalítica	50
2.5 O trabalho com grupos dentro da clínica psicológica	52
3 Leitura em voz alta e produção de subjetividade	57
3.1 A leitura e a escrita	59
3.1.1 Considerações sobre a leitura e a escrita	62
3.2 Sobre ler e escutar	62
3.3 Leitura compartilhada: o gesto de ler para e com o outro	65
Considerações (nunca) Finais	69
Referências	75

Minha Voz ...

“Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutúm” (ROSA, 2001, p. 21). É com este trecho que João Guimarães Rosa inicia *Manuelzão e Miguilim*, e é com a leitura dessa obra que iniciei minha caminhada no projeto Leitura em Voz Alta. O ano era 2020, estávamos no meio de um dos momentos mais difíceis da história recente – a pandemia da Covid-19. Todos confinados em suas casas, ruas vazias, cidades em silêncio; sair era um ato de coragem. Neste período, fomos forçados a ver nossas vidas se tornando cada vez mais virtuais, experimentamos o metaverso¹ antes mesmo dele existir. Foi neste momento que a leitura em voz alta retornou à minha vida.

Em 2018 eu já havia participado de alguns encontros eventuais do grupo de leitura, mantendo sempre a posição de leitor/ouvinte, sem nenhuma pretensão de estudar especificamente a leitura em voz alta. No entanto, durante a pandemia, a leitura serviu como um momento de respiro em meio a toda a loucura que foi o período de confinamento e, com o passar do tempo, acabou assumindo um papel definitivo neste percurso que se encerra com a presente dissertação.

Esse movimento acabou repercutindo em meu trabalho enquanto profissional da área da psicologia, fazendo com que eu me questionasse sobre o que acontece durante da leitura em voz alta compartilhada que faz com que tantos participantes passem a significar e ressignificar questões pessoais tão importantes como as que apareciam nos relatos de cada participante.

* * *

O projeto que foi o passo inicial da presente dissertação é denominado Leitura em Voz Alta e se origina na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a coordenação da Professora Luiza Milano, a partir de uma curiosidade acadêmica de um orientando – Augusto Stevanin – sobre o comportamento fônico na obra *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

O Leitura em Voz Alta é uma atividade de extensão que existe desde 2015 e que ocorre semanalmente com encontros que têm duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos. Trata-se de uma atividade gratuita e aberta a todos os interessados, que reúne em média de vinte

¹ Metaverso é a terminologia utilizada para indicar um tipo de mundo virtual que tenta replicar a realidade através de dispositivos digitais. É um espaço coletivo e virtual compartilhado, constituído pela soma de realidade virtual, realidade aumentada e internet.

a trinta pessoas, chegando a alcançar o número de 40 pessoas em determinados momentos. Os encontros aconteciam no “Bar Parangolé”, bairro Cidade Baixa, Porto Alegre/RS². Para participar, apenas três pré-requisitos são exigidos: que o interessado traga seu exemplar do livro, e que empreste tanto sua voz e quanto sua escuta.

O Leitura em Voz Alta³ é um convite a compartilhar a leitura e fazer circular a voz, a dialogar sobre aquilo que é lido, sentido e vivido. Stevanin (no prelo) descreve com precisão que “dentro desse tempo, cria-se um outro tempo, o tempo do encontro da narrativa, tempo de fazer circular voz, escuta, palavras, tempo para ler um texto literário e elaborar partilhadamente os seus efeitos”. É nesse lugar de partilha que as coisas acontecem, a partir das pessoas que aceitam o convite.

* * *

Pois bem, agora que você já conhece as linhas gerais do projeto Leitura em Voz Alta, e espero sinceramente que tenha ficado pelo menos um pouco curioso em saber mais sobre ele, sigo minha narrativa que é atravessada diretamente por ele. Mas, você deve estar se perguntando por que alguém de outra área do conhecimento, no meu caso a psicologia, estaria realizando uma pesquisa no campo das letras, mais especificamente na linguística? O que motivou essa busca? Quais são esses objetivos?

Início minhas respostas dizendo que durante minha formação como psicólogo, e mesmo já na minha trajetória profissional, sempre busquei o “multi” como forma de olhar, pensar, sentir. Além, é claro, da ideia de seguir me “desacomodando”, pois sempre que estamos fora da nossa zona de conforto, temos de seguir perguntando, pensando e criando formas novas para o fazer, não somente no campo profissional, como também no pessoal.

E foi a partir do momento em que comecei a perceber que aquele espaço – no qual eu me encontrava inserido, com o objetivo inicial de ler em voz alta, compartilhando voz e escuta – acabava por produzir em mim, e em muitos outros membros do grupo, um efeito que ia muito além do “compartilhamento”; assim é que surgiu a ideia de pesquisar e estudar mais sobre o que ele era capaz de fazer, sobre como é possível refletir e interagir não somente pelas vivências

² Durante a pandemia do Coronavírus, os encontros aconteceram de forma virtual via Google Meet. Atualmente, com o retorno das atividades presenciais, os encontros passarão a acontecer no Zuca Bar, localizado no Bairro Bom Fim.

³ Mais informações sobre o projeto podem ser encontradas em: @leituraemvozalta no Facebook, @leituraemvozaltapoa no Instagram ou pelo e-mail leituraemvozaltapoa@gmail.com.

da leitura mas, também, a partir das nossas vivências e subjetividades, independentemente de quais fossem, ou até mesmo a partir da inexistência delas, proporcionando, assim, a criação de novos conteúdos e significados.

Para pensar os efeitos e a dinâmica do Leitura em Voz Alta, escolhi mais uma vez me desacomodar, indo procurar essas respostas no campo das Letras. É quando inicio meu percurso no mestrado em letras pela UFRGS, e no grupo de pesquisa o “Rastro do som em Saussure”, tendo como orientadora e coordenadora do grupo a professora Luiza Milano.

* * *

Desde o início deste projeto, o objetivo sempre foi buscar entender como cada sujeito percebe esse espaço de leitura e o vivencia, bem como investigar a partir da leitura em voz alta se os sujeitos apenas significam suas vivências, ou se também é possível ressignificá-las. Entretanto, no decorrer desta jornada, essa perspectiva primeira de investigação foi se modificando, e passei a perceber que antes de entender como isso acontece na prática, seria preciso entender como este processo constituído de efeitos, que envolve voz, escuta, ritmo, se sustenta na teoria, para quem sabe, futuramente, em um novo projeto voltar aos questionamentos que serviram de base para essa dissertação.

O objetivo deste estudo é argumentar a favor de uma perspectiva que considera a leitura em voz alta como uma prática mobilizadora de subjetividade, a partir de uma reflexão teórica inspirada na atividade de extensão Leitura em Voz Alta, refletindo sobre variáveis linguísticas, literárias e psicológicas que constituem essa atividade, sem a pretensão de analisar-lhes recortes de cenas.

O texto da presente dissertação está organizado em três grandes capítulos: no primeiro, que recebe o título de “*A voz e a linguagem*”, introduzo alguns dos principais autores do campo do conhecimento linguístico, a saber: Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin. Apesar de pertencerem a um mesmo campo do conhecimento, esses autores têm diferentes abordagens e formas de pensar, todavia, receberam destaque aqui não apenas por seus campos teóricos, mas sobretudo por terem dedicado um olhar à “voz” – ainda que em seus estudos a voz não tenha ocupado o papel de objeto central de pesquisa, todos, de alguma maneira, deram a ela algum valor e significado. Já na segunda seção do mesmo capítulo, tentarei estabelecer um diálogo entre voz e literatura, como objetivo focalizar a figuração da voz, do ponto de vista da literatura, passando também pelo diálogo com outras ciências.

Já no segundo capítulo desta dissertação intitulado “*Voz, psicanálise e linguagem*”, abordarei questões da psicanálise relacionadas à voz, escuta, linguística e clínica psicanalítica no que compete aos processos grupais.

No terceiro e último capítulo chamado “*Leitura em voz alta e produção de subjetividade*”, tratarei questões relacionadas à prática da leitura em voz alta, passando pela história da leitura e sua relação com a escrita. Também farei uma reflexão sobre a importância do ler e sua relação com a escuta, bem como o ato de ler para e com os outros.

Por último, apresentarei minhas considerações finais, sem a pretensão de encontrar respostas definitivas a todos os meus questionamentos, considerando que novas indagações sempre surgem ao final de todo percurso.

1 A voz e a linguagem

“A voz humana, é com efeito, o lugar privilegiado (eidético) da diferença: um lugar que escapa a toda a ciência, pois não há nenhuma ciência (fisiologia, história, estética, psicanálise) que esgote a voz: classifiquem, comentem historicamente, sociologicamente, esteticamente, tecnicamente a música, haverá sempre um resto, um suplemento, um *lapsus*, um não dito que se designa ele próprio: a voz” (BARTHES, 2018, p. 266).

Ao iniciar este primeiro capítulo – no qual me proponho fazer uma reflexão sobre a voz, a linguística, a literatura – me pego pensando no prefácio do livro “Corpos que importam”, da autora Judith Butler (2019), quando ela refere que ao iniciar seu livro buscou considerar a materialidade do corpo, para logo em seguida descobrir que esta materialidade invariavelmente a levaria para outros domínios. O mesmo acontece quando nos propomos eleger a voz como objeto central de uma investigação científica, tanto nos campos dos estudos da linguagem, quanto no campo da literatura. Frente a isso, é perceptível que as discussões e reflexões não se limitam apenas a esses domínios, mas fazem uma interface com outros campos do conhecimento, a exemplo do filósofo Herman Parret (2002), do teórico da literatura Paul Zumthor (2018), entre outros.

É por essas razões que neste capítulo, ainda que com objetivo de pensar voz dentro dos campos da linguística e da literatura, intenciono refletir sobre essa voz como um “complexo”, a exemplo de um sistema que, composto por inúmeras partes, formará uma unidade capaz de dar forma, sentido e significado – para tanto, faz-se necessário o auxílio de diversas ciências com o intuito de evidenciar a complexidade da voz. Contrariando aquilo que Flores (2019, p. 247) diz sobre o “transbordamento disciplinar” da voz, “[...] talvez esse ‘transbordamento disciplinar’⁴ seja uma das explicações para a quase absoluta exclusão da voz do horizonte dos linguistas [...]”, acredito que seja exatamente este “transbordamento disciplinar” que será capaz

⁴ Ao apresentar o termo “transbordamento disciplinar”, Flores (2019) faz referência a introdução da obra “*Les plis de la voix*”, de Martine de Gaudemar (2013) na qual ela reúne estudos sobre a voz, e reforça que diante da complexidade da voz é preciso tratar de seus diferentes aspectos e associá-los a muitas abordagens oriundas de diferentes disciplinas: psicologia, psicanálise, ciências da linguagem, musicologia, antropologia, filosofia, e que estas abordagens estão longe de contornar a voz: outras abordagens histórica, sociológica, etológica, etnológica, teriam sido possíveis. Até mesmo desejáveis caso se queira multiplicar os pontos de vista, que sugerem, assim, a relação entre o que toca a voz e um “fato social total” no sentido de Mauss, engajando múltiplas dimensões, ou uma “forma de vida” no sentido de Wittgenstein.

de pensar a voz frente a toda sua complexidade, permitindo que ela não seja exclusividade de uma única ciência, mas que transite com diferentes intensidades por diversas, pois pensar a voz como um domínio exclusivo de uma única ciência seria o mesmo que reduzi-la a uma única forma, o que conduziria à perda do seu sentido.

Em “Performance, recepção, leitura”, Zumthor (2018, p. 77) diz que “a voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo”. Neste sentido, me pergunto se não seria, então, essa subversão que falta e ao mesmo tempo complementa a linguística?

1.1 A voz e a linguística

Para a linguística, a voz é um importante elemento, pois ela está na base da linguagem na medida em que a fala prepondera nas suas manifestações. Sendo a fala materializada na voz⁵, podemos dizer que a voz também está no cerne das questões relativas à linguagem. No entanto, quando a linguística aborda a voz, acaba por apagar algo que lhe é muito particular, ou seja, suas características não articuladas, para pinçar apenas aquilo que interessa à linguística, ao menos nos campos da fonética e da fonologia, que seriam os campos de estudo nos quais a voz se articula, reduzindo-a ao termo “fonema”⁶.

Pensar a voz apenas em alguns de seus aspectos seria desconsiderá-la da sua totalidade. No entanto, dentro do campo da linguística, pensarmos a voz como produtora de efeito de sentido, seria restringi-la ao campo da enunciação, ou da análise do discurso que são áreas que se interessam pela voz na perspectiva da linguagem/discurso, produzindo possibilidade(s) de subjetivação ao ser evocada.

Maliska (2008) reforça essa impressão quando menciona que iremos encontrar o termo voz, inicialmente, somente nos textos de Benveniste no seu “Problemas de Linguística Geral I”, ainda que o linguista francês se refira ao termo “voz” utilizando a expressão “voz verbal”.

⁵ É importante observar que a *parole* (ou “fala”, conforme a edição brasileira do “Curso de Linguística Geral”, de Ferdinand de Saussure) não se materializa apenas na voz, a exemplo das línguas de sinais, que apresentam a *parole* enquanto conceito teórico e a materialidade acontece pela gestualidade. Minha intenção aqui não é aprofundar o assunto, mas deixar registrado que existem trabalhos que se ocupam de forma mais detalhada da materialidade, de uma outra forma que não seja apenas pela voz, como Frydrych (2020).

⁶ Maliska (2008) salienta que voz e fonema não são a mesma coisa, pois o fonema é uma unidade mínima distintiva do sistema sonoro de uma língua, ou seja, possui uma articulação do som ou do traço distintivo sonoro, com o significado ou o sentido no interior de uma língua; já a voz é o som ou o conjunto de sons emitidos pelo “aparelho” fonador, que não mantém, necessariamente, laços com o significado, com o significante, com o sentido ou com a própria língua.

Benveniste no texto “O Aparelho formal da Enunciação”⁷, publicado em 1970, propõe o termo “aspecto vocal da enunciação” como um dos aspectos para o estudo da enunciação, o qual coloca em evidência a realização vocal da língua no discurso, marcada pela subjetividade do locutor que se apropria das unidades da língua e as enuncia à sua maneira dentro da “instância enunciativa”⁸, na relação intersubjetiva com o outro da enunciação.

Maurício Maliska, fazendo referência ao “Curso de Linguística Geral”, organizado por Bally e Sechehaye, nos diz que nesta obra não existe referência ao termo “voz”, no entanto salienta que “são poucos os artigos publicados por Saussure sob sua pena” (MALISKA, 2008, p. 4), a maior parte do seu ensino se deu pela voz⁹.

Ainda que, como menciona Maliska (2008), Saussure não tenha feito nenhuma referência ao termo “voz” especificamente, em seus escritos ele acaba por utilizar outros termos, como refere Barbosa (2022, p. 27): “acreditamos que uma das pistas mais importantes para se pensar a voz em Saussure esteja na menção a uma ‘figura vocal’ no CLG e nas demais fontes manuscritas”.

1.1.1 Saussure e a voz

Como mencionei na seção anterior, Saussure pautou a maior parte do seu ensinamento não na escrita, mas na fala, e também trabalhou com certa prioridade sobre ela, que é também um produto da voz, se pensarmos em seu aspecto oral. Maliska (2008) evidencia como a

⁷ Texto publicado originalmente em março de 1970, na edição de nº. 17 da revista *Langages*, e posteriormente publicado como texto integrante da edição do livro “Problemas de Linguística Geral II” ou apenas “PLG II”.

⁸ A instância enunciativa é onde se dá a realização vocal da língua, sendo ela responsável pelas singularidades que marcam a emissão e a percepção dos elementos vocais na enunciação (Benveniste, 2006).

⁹ Apesar de sua discricção, Saussure carrega consigo um título que nunca reivindicou: o pai da linguística moderna. Não cabe aqui discutir o mérito deste título, o que sabemos é que Saussure, através de sua pesquisa, e através dos cursos de linguística geral ministrados na Universidade de Genebra, que resultam na publicação do “Curso de Linguística Geral” organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye em 1916, acabou por deixar a linguística moderna mais próxima do conceito de ciência, mais próxima de uma metodologia que adequa, analisa e descreve a *langue* (ou “língua”, conforme a tradução brasileira) a partir dos elementos formais que lhe são próprios. Aqui seria possível fazer o seguinte questionamento: se Saussure aproxima tanto a linguística do conceito de ciência, a ponto de torná-la autônoma em relação a outras ciências, isso não acaba por isolá-la das outras áreas do conhecimento? Martelotta et al. (2011) diz que apesar da linguística ser uma ciência autônoma, não se encontra isolada das demais ciências e de outras áreas de pesquisa. Ao contrário, existem relações bastante estreitas entre elas, o que faz com que, algumas vezes, seus limites não se apresentem nitidamente. Desse modo, a caracterização dessas disciplinas é útil na medida em que permite delimitar mais claramente o campo de atuação contrastando-o com o de outras ciências.

*parole*¹⁰ ocupa esse lugar central no ensino de Saussure e como a voz dá suporte a essa “fala” que parece não se calar: “a voz tem instigado os linguistas a tentar recuperá-la, ainda que isso não seja possível” (MALISKA, 2008, p. 5).

O mesmo autor, ao referir os estudos sobre os manuscritos saussurianos, os descreve como uma tentativa de fazer com que eles falem, num esforço de reconstituir a voz de Saussure. “Recuperar os manuscritos é dar novamente voz a Saussure” (MALISKA, 2008, p. 5). Manuscritos estes em que o pesquisador parte de uma metafísica da voz para chegar à noção de significante, uma vez que “ao longo destes manuscritos é possível encontrar uma espécie de ‘ser vocal’ que se situa em sinônimos como: imagem acústica, figura acústica, signo vocal, imagem vocal, imagem auditiva, entidade vocal, fenômeno vocal e um pouco mais tardiamente, significante” (MALISKA, 2008, p. 8).

Saussure em seu trabalho nunca se dedicou ao entendimento da voz como puro corpo, desvinculando-a de seu laço com o sentido, contudo, ele se utiliza da voz para chegar à *parole*, lançando assim um primeiro olhar sobre a voz, proporcionando inúmeras possibilidades de articular *som e sentido*, algo que viria a ser explorado mais tarde por Jakobson (1977) em suas “Seis lições sobre o som e sentido”.

Barbosa (2022) nos direciona para o estudo da voz em Saussure, dizendo que para isso precisamos nos valer do que Maliska (2008) menciona como esse “ser vocal”, e afirma que “é importante ressaltar, porém, que o elemento sonoro em Saussure não importa apenas em sua materialidade, mas em sua capacidade de significar na língua” (BARBOSA, 2022, p. 27). Ao se referir ao manuscrito “Da essência dupla da linguagem”¹¹, Barbosa trata sobre os termos e conceitos relacionados que nos levam a pensar sobre a voz, ou seja, o som como figura vocal e o som como signo, os quais, segundo a autora, fazem parte das considerações que nos levam a

¹⁰ Neste trabalho, ao utilizarmos os termos “língua” e “fala” para designar os conceitos saussurianos, optamos por utilizá-los de maneira não traduzida, conforme nota de Milano & Stawinski (2020, p. 4): “optamos por utilizar o termo *langue* em vez da tradução “língua” presente na edição brasileira do CLG, para mantermos a importante alusão do conceito à noção de sistema na teoria saussuriana. Da mesma forma, as ocorrências de “fala” serão mantidas no termo original *parole*, a fim de evitar a redução do conceito saussuriano à ideia de fonação”.

¹¹ Descoberto em 1996, o conjunto de manuscritos saussurianos conhecido por ‘Sobre a Essência Dupla da Linguagem’ (*De l’essence double du langage*) foi publicado pela primeira vez em 2002, por Simon Bouquet e Rudolf Engler, sob o título de *Écrits de linguistique générale*. O material encontra-se traduzido para língua portuguesa desde 2004, sendo intitulado *Escritos de Linguística Geral*. De acordo com Rastier (2016) *apud* Frydrych (2020), a descoberta desse manuscrito acarretou um renovo editorial em escala internacional e favoreceu novas interpretações ao pensamento saussuriano. Em 2011, uma edição crítica aos *Écrits* foi publicada por René Amacker, sob o título *Science du langage – de la double essence du langage et autres documents du Ms BGE Arch. de Saussure 37291*, versão essa ainda sem tradução para língua portuguesa.

reavaliar o lugar do aspecto fônico e da materialidade para pensar o estatuto da figura vocal nas ideias saussurianas. A mesma autora corrobora com as ideias de Stawinski¹² (2020), quando afirma que ao realizar extensa pesquisa sobre a noção de escuta em Saussure, “buscou em diferentes pistas sobre esse tema em termos e conceitos que com ele se relacionam, visto que a noção de escuta, assim como a de voz, não foram explicitamente abordadas por Saussure” (BARBOSA, 2022, p. 28).

Em “*La voix et son temps*”¹³, Herman Parret propõe pensarmos a voz como uma matéria sem estrutura, considerando que esta representaria a pura variabilidade, sendo ela desconsiderada pelos estudos da linguística estrutural. Segundo o autor, o termo voz não aparece uma só vez nos “*Princípios de Fonologia*”, de Trubetzkoy (1970), obra considerada a bíblia da fonologia estrutural; Maliska (2008) acrescenta a esta lista as obras “Fonema e Fonologia” (1967) e “Seis lições sobre o som e sentido” (1977), de Roman Jakobson – obras que acabam por colocar a voz entre parênteses, e que não hesitaram em se valer de Saussure para apoiar seu ponto de vista.

Barbosa (2022) cita outra importante consideração feita por Parret (2002) ao se referir sobre a distinção do autor belga sobre seus três pontos de vista para pensar a voz. Segundo ele, “a consagração na corporeidade tem a mesma força de apego para as três posições que agora distinguiremos: a voz antes da linguagem, o balbucio, o grito, o gemido – a *voz-parole* e a voz depois da linguagem – o canto, essencialmente” (PARRET *apud* BARBOSA, 2002, p. 28).

No quadro que segue, organizo de forma esquemática esta relação entre as três posições, sugeridas por Parret (2002) para pensarmos a voz:

¹² Stawinski (2020), em sua tese “À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana”, propõe um conceito de escuta articulado às noções de *langue* e *parole* levando em consideração o papel atribuído ao falante e ao ouvido a partir da linguística saussuriana.

¹³ Neste livro, Parret (2002) aborda a voz em seus mais variados aspectos, muitas vezes instigado por sua leitura de Saussure. Nesse livro o autor fala em dois tipos de desconstrução da leitura saussuriana relacionadas à voz: uma é externa à linguística, operada por Derrida e por Lacan; outra é interna, a partir da leitura dos manuscritos deixados pelo linguista genebrino.

Voz antes da Linguagem (La voix d'avant le langage)	Voz Parole (La voix-parole)	Voz depois da Linguagem (La voix d'après le langage)
Voz enquanto corpo (puro som desarticulado) ex: balbucio, grito, gemidos)	Imagem acústica (significado, significante) Conceito	Signo (união entre imagem acústica e conceito)
Homem na animalidade (homem e animal tendo em comum o poder de se experimentar pelo som da voz)	→ Voz parte do corpo se separando (corpo em evanescência)	→ Canto essencial (homem que enuncia)

Quadro 1 – Três pontos de vista para se pensar a voz a partir de Parret (2002)

Barbosa (2022) segue citando Parret (2002) e, de acordo com a autora, essa voz antes da linguagem seria uma “*masse substantielle*” composta por ruídos, a linha vocal, a *voix-parole*, cruza essa massa. Para o autor, então, a voz estaria nesse lugar de “alteridade radical”, já que está muito relacionada à subjetividade de cada falante; e há uma voz antes da significação e uma voz depois dela; a voz que interessa a este trabalho, quando mais tarde iremos discutir sobre leitura em voz alta, será a *voix-parole*, essa que adquire significação através dos efeitos que causa em cada falante/ouvinte e deixa de ser apenas uma massa de sons.

Parret (2002) buscou compreender a voz como portadora de um sentido que precede e transcende as palavras proferidas, relacionando voz e escuta. Ele destaca:

o tempo, o corpo, a voz, são o recalque do texto saussuriano, e os manuscritos de Harvard¹⁴, como um tesouro escondido, e em sua marginalidade, fazem explodir muitas certezas estruturais: o recalque se agita dolorosamente na superfície nesses textos distorcidos, inacabados, ansiosos e extremamente difíceis (PARRET, 2002, p. 53).¹⁵

De acordo com Hainzenreder (2016), reconhecer à fala o aspecto fônico não seria um problema, o recalque recai em excluir, em certa medida, a produção sonora da concepção da *langue*. O som, dirá Saussure (2004, p. 193) mais tarde, “é constitutivo de significação”.

¹⁴ Os manuscritos de Harvard são assim conhecidos por estarem catalogados na *Houghton Library*, da Universidade de Harvard (sob o registro bMS. FR. 266, esse conjunto de manuscritos possui um total de 638 folhas, ou 995 páginas, intitulados arquivo 8). Tendo sido produzidos por Saussure no período de 1881/1884, eles foram cedidos por seus filhos em 1968 a Roman Jakobson que, nessa época, trabalhava na universidade. Esse conjunto de manuscritos irá tratar de considerações sobre o som, o fonema, o acústico, a fonologia, dentre outros assuntos dessa natureza.

¹⁵ Tradução livre realizada por mim a partir do livro de Parret (2002) “*La voix et son temps*”, para as leituras e discussões do grupo “O Rastro do Som em Saussure”.

Mas o que o som pode nos dizer sobre a *langue*? De acordo com Hainzenreder (2016, p. 18) “o aspecto fônico da língua é o que cede à linguagem humana uma dimensão física e outra psico-física; mais do que isso, cada uma das partes da linguagem deve algo ao som”. Para a autora, a parte exterior que remete à fisiologia da fonação em nada contribuiria à *langue* se o aparelho vocal não orquestrasse porções de sonoridade passíveis de recorte; a parte interior, por sua vez, não pode contribuir com nenhuma significação antes do recorte fonético que serve de signo pela relação de diferença que estabelece com outros termos de origem semelhante. Assim, “o fônico diz algo sobre o signo, e o signo diz tudo sobre a língua” (HAINZENREDER, 2016, p. 18).

Isso porque, em conformidade com o que diz Hainzenreder (2016), o signo é uma figura vocal que é delimitada na consciência do falante de maneira que contribua de uma forma reconhecida pela *langue* como algo que significa. Desse modo,

uma forma, não se define pelo som, nem pela significação, e nem pela relação de um certo som com uma certa significação – o valor da forma é sua diferença com outras formas. De acordo com Saussure (2004, p. 47), o falante – ou o linguista – não percebe “nem a forma, nem o sentido, nem, em terceiro lugar, a união indissolúvel da forma e do sentido, nem 4º a diferença dos sentidos, mas 5º a diferença das formas” (HAINZENREDER, 2016, p. 18).

Hainzenreder (2016) argumenta que, à medida que recai sob a consciência do falante a delimitação das formas, e que essa se realiza na associação seguida a uma significação, parece possível aceitar que o sentido marque o lugar do sujeito na linguagem. Isso significaria que a impressão acústica do som como signo não indicaria um sentido preciso, mas efeitos de sentido. Sendo assim, poder-se-ia acreditar que a constituição do falante não se dá na integração forma-sentido, mas antes na possibilidade da integração. É a propriedade significante da forma que marca a entrada do falante na *langue*, e não aquilo que ela significa. A autora finaliza observando que essa hipótese sugere, por fim, rastros da questão do sentido no entorno da teoria linguística de Saussure.

Embora saibamos que a noção de voz não foi explicitamente abordada por Saussure, nesta seção busquei algumas pistas que pudessem indicar que, apesar de não ter um status de “conceito” saussuriano, diversas ocorrências ao longo de seus estudos fizeram menção de forma direta ou indireta à voz/vocal, como também de que forma a voz se relaciona a importantes noções que servem de base à teoria saussuriana.

1.1.1.1 Circuito da *parole* e circuito da voz

Stawinski (2016) destaca, ao falar do circuito da *parole*, que apesar de parecer uma representação simplificada da discussão proposta por Saussure, ele pode nos conduzir a inúmeras considerações teóricas sobre o falante, ouvinte, *langue*, signo, produção e percepção do som, etc.

A autora afirma que, normalmente, pensamos em duas figuras essenciais para o circuito da *parole*: o locutor e o interlocutor, ou, como preferimos chamar, o *falante* e o *ouvinte*. Essas figuras, no entanto, não são necessariamente representantes de dois indivíduos, mas de duas posições discursivas – podendo ser estabelecidas de forma condensada em um mesmo indivíduo, inclusive, na leitura silenciosa de um texto ou na escuta da própria fala. Abaixo, observamos o circuito conforme aparece representado no CLG, onde vemos duas figuras dispostas no circuito A e B:



Figura 2 - Circuito da *parole* (CLG, 2012, p. 43)

Conforme detalha Ottaran (2019), a partir do CLG a interação entre os dois sujeitos falantes acontece por fases: a) quando *Monsieur A* fala com outra pessoa, em seu cérebro os fatos de consciência, ou conceitos, estão associados às imagens acústicas, e essa associação é psíquica. Stawinski igualmente nos ajuda a compreender o que se passa entre *Monsieur A* e *Monsieur B*: “Quando o locutor produz uma associação entre significante e significado, esta associação é singular; ao chegar no interlocutor, este fará uma nova associação da forma escutada, e esta associação não é idêntica à que foi estabelecida pelo locutor” (STAWINSKI apud OTTARAN, 2019, p.34); b) em seguida, o cérebro de *Monsieur A* determina os comandos que serão transmitidos aos órgãos de fonação gerando um processo fisiológico que dá substância às imagens acústicas na forma de ondas sonoras até a orelha de *Monsieur B*, esse é

um processo físico, onde a estimulação auditiva em B faz com que o circuito aconteça na ordem inversa, ou seja, da orelha ao cérebro, do fisiológico ao psíquico.

Ottaran (2019), ao citar D'Ottavi (2010), em “*Ferdinand de Saussure e Monsieur B*” adverte que devemos ter muito cuidado ao marcar a identidade de *Monsieur B*, atribuindo-lhe um caráter totalmente passivo em relação a *Monsieur A*. Para a autora, a escuta somente é passiva na medida que os ouvidos estão sempre abertos para receber os sons emitidos – “é impossível fechá-los completamente, como fazemos com os olhos, o nariz, a boca” (OTTARAN, 2019, p. 33).

Saussure (2012) diz que todos reproduzirão, ainda que não exatamente, aproximadamente os mesmos signos (SAUSSURE, 2012, p. 44) – sendo essa a função de responsabilidade do falante durante o ato comunicativo. Ottaran (2019) reforça essa ideia ao citar a nota 61 de Tullio De Mauro (2015), na edição italiana do CLG:

Como hoje ao contrário sabemos, a audição [...] está longe de poder ser considerada como um mero mecanismo receptivo, um registro inerte. Veja, por exemplo, a conclusão a que chega G. A. Miller. *Langage et communication*, Paris 1956, p.111: “Perceber o discurso não é algo passivo, é automático. Aquele que percebe assume uma função seletiva na resposta a certos aspectos da situação global e não aos outros. Ele responde aos estímulos de acordo com uma organização que ele impõe sobre eles. E substitui a estimulação ausente, ou contraditória de uma maneira compatível com suas necessidades e experiências passadas” (SAUSSURE *apud* OTTARAN, 2019, p. 33)¹⁶.

Para este trabalho, tendo como um dos pontos de partida o circuito da *parole*, me interessa olhar também para outros componentes presentes no ato da comunicação, dos quais um em especial chama minha atenção: a voz, “elemento de singularidade do falante [...] o primeiro dado capturado, ainda que involuntariamente, pelo ouvido durante a comunicação.” (OTTARAN, 2019, p. 34). De acordo com a autora, a voz é anterior à *parole* e, por isso, é responsável por trazer algo de único e particular do sujeito.

Stawinski (2020) faz uma adaptação ao circuito da *parole* (representado a seguir pela figura 03), apresentado no CLG, ao inserir um terceiro elemento que ela nomeia como “ondas sonoras”.

¹⁶ Nesta citação, Ottaran (2019) está fazendo referência à nota 61, escrita por Tullio De Mauro, da edição italiana do Curso de Linguística Geral.

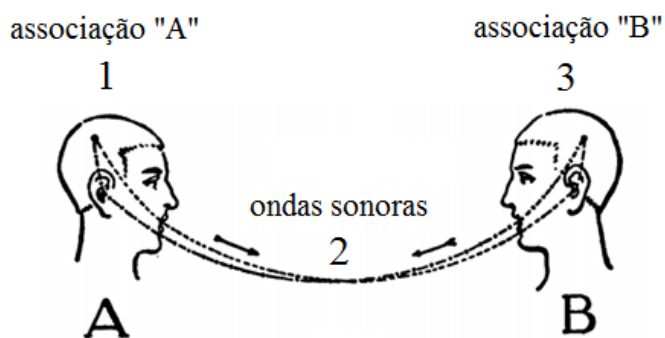


Figura 3 – Circuito da *parole* adaptado do CLG por Stawinski (2020)

Stawinski (2020) descreve a figura dizendo:

vemos, em (1), a representação do falante ao estabelecer associações entre significantes e significados; estas associações, no momento da fala, produzem uma onda sonora (2), que é percebida como significante pelo ouvinte (3), estabelecendo, assim, sua própria associação (atribuição de sentido) (STAWINSKI, 2020, p. 49-50).

Será a partir desta adaptação proposta por Stawinski (2020) ao circuito da *parole* que farei um deslocamento da noção de “circuito da *parole*” para “circuito da voz”. Nessa proposta, portanto, o termo “ondas sonoras” será substituído por “voz”. Isso porque, como sinaliza Ottaran (2019) antes mesmo do processo de interpretação dos atos da *parole* através das associações por parte do ouvinte, antes que o cérebro inicie um processo psíquico, que ligará imagens acústicas e conceitos, formando signos, o que o ouvinte ouve? O que está no embrião do que o efeito fônico produz? A voz, que segundo Flores é “a materialidade significativa por excelência” (FLORES *apud* OTTARAN, 2019, p. 37).

Ao propor esse deslocamento, substituindo o termo “ondas sonoras” por “voz”, estabeleço, assim, o que denomino de “circuito da voz” por acreditar que “a voz produz muito mais do que apenas sons vocais” (SUNDBERG, 2015, p. 19), de uma forma mecânica e automática (ou seja, a voz em si já compreende/produz as ondas sonoras), ela produz também “efeitos de escuta” como destaca Milano (2020, p. 29) colocando, portanto, a voz no centro desse sistema propulsor que irá proporcionar toda construção psíquica entre *Monsieur A* e *Monsieur B* a partir do circuito da *parole*.

Antes mesmo de ser o suporte e um canal de transmissão das palavras através da linguagem, a voz é um imperioso grito de presença, uma pulsão universal e uma modulação cósmica através de cujos trâmites a história irrompe no mundo da natureza (BOLOGNA *apud* OTTARAN, 2019, p. 35).

Estabelecido este novo circuito, teríamos, então, dois sistemas agindo de forma independente, mas também interligados: I) um “circuito da voz” que compreenderia toda emissão sonora entre sujeitos falantes; II) um “circuito da *parole*” proporcionando uma construção psíquica a partir da comunicação entre falantes. Pois, como afirma Saussure, a linguagem humana é “pensamento-som” (SAUSSURE, 2012, p. 159), uma vez que o papel característico da *langue*, segundo ele, é servir de intermediária entre o pensamento e o som, muito embora ambos não se comuniquem por si mesmos, mas apareçam para o homem em sociedade, já reunidos em articulações ou, como também chamamos, signos.

Hartmann (2007), no trecho que segue, reforça a importância destes circuitos trabalhando em conjunto para aquilo que ele refere como consciência da voz.

A voz própria de cada um precisa de outras vozes endereçadas a ela para somente a partir destas outras vozes, escutadas, poder se tornar uma voz, sem esse endereçamento a voz não teria consciência (HARTMANN, 2007, p. 147).

Por fim, cabe destacar que quando Saussure descreve o circuito da *parole*, ainda que ele não estivesse preocupado com a enunciação, mas com aquilo que ele defende ser o objeto da linguística (a *langue*), acaba por se aproximar muito do que mais adiante Benveniste irá mencionar como “um homem falando com outro homem” (BENVENISTE, 2020, p. 282), retratando o que é da instância dialógica que envolve o eu/tu na enunciação. É sobre isso que passarei a me ocupar na seção a seguir.

1.1.2 Benveniste e a voz

Antes de começar a falar sobre Benveniste, é preciso ressaltar que ele, assim como Saussure, não se ocupou especificamente da voz em sua obra. No entanto, em vários de seus trabalhos faz uso de expressões que deixam indícios da presença da voz na enunciação, tais como: “ruídozinhos vocais”, “acentuação da relação discursiva”, “realização vocal”, “enunciação fônica”, “forma sonora” e “sons emitidos e percebidos”. De acordo com Kloss (2018) esses são apenas alguns exemplos daquilo que serve de referência para a presença da voz na teoria da enunciação benvenistiana.

Kloss (2018), cita a conferência ministrada por Benveniste em 1962, publicada em 1964, sob o título “Os níveis da análise linguística”, como exemplo de um texto do autor que deixa rastros da presença da voz em sua obra.

De acordo com Kloss (2018), valendo-se da citação que segue, retirada do texto de Benveniste, só seria possível através da voz, ou de forma mais pontual, da prosódia contida na voz, compreendermos se uma enunciação é da ordem imperativa, assertiva ou interrogativa.

[...] reconhece-se em toda parte que há proposições assertivas, proposições interrogativas, proposições imperativas [...] essas três modalidades apenas refletem os três comportamentos fundamentais do homem falando e agindo pelo discurso sobre seu interlocutor: quer transmitir-lhe um elemento de conhecimento, ou obter dele uma informação, ou dar-lhe uma ordem. Essas são as três funções interumanas do discurso que se imprimem nas três modalidades da unidade da frase, correspondendo cada uma a uma atitude do locutor (BENVENISTE, PLG I, p. 139 *apud* KLOSS, 2018, p. 51).

Ainda citando Kloss (2018, p. 51), para quem “a voz carrega consigo o dizer”, a passagem do locutor a sujeito no discurso só é percebida pela voz do mesmo e, segundo ela, “se essa passagem é a própria definição da subjetividade, é possível refletir, também, sobre a voz marcar a subjetividade do sujeito em sua enunciação” (KLOSS, 2018, p. 51).

Outro texto de Benveniste muito importante para pensarmos a voz é o “Aparelho formal da enunciação”, de 1970. Será também nesta obra que o autor irá trazer uma definição de enunciação: “enunciação é esse colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Para Flores & Surreaux (2012), no “Aparelho formal”¹⁷, Benveniste dentre muitos temas que sugere para pesquisa, nos campos da linguística enunciativa, considera a enunciação como um grande processo que pode ser estudado por diferentes aspectos; segundo ele, seria a “realização vocal” o mais perceptível e o mais direto, colocando, portanto, a enunciação na voz¹⁸.

o mais imediatamente perceptível e o mais direto – embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação – é a realização vocal da língua (BENVENISTE, 2006 p. 82).

Ainda neste mesmo texto, os autores complementam dizendo que Benveniste dá destaque à realização vocal como um dos aspectos da enunciação, embora ele seja bastante lacônico ao tratamento que dá a esse aspecto, limitando-se a dizer que “os sons emitidos e percebidos [...] procedem sempre dos atos individuais, que o linguista surpreende sempre que

¹⁷ A expressão “Aparelho Formal”, que será utilizada ao longo do texto, faz referência ao texto de Benveniste da década de 1970 “O aparelho formal da enunciação”.

¹⁸ É importante destacar que a voz citada aqui não é a voz no sentido fônico, mas uma voz que de acordo com Kloss (2018) coloca como um observatório da linguagem, podendo através da voz serem observados os aspectos fônicos – a realização vocal da língua. Desse modo, a voz para Benveniste contém a língua e a situa na linguagem.

possível em uma produção nativa, no interior da fala” (BENVENISTE *apud* FLORES & SURREAUX, 2012, p. 82).

Ainda no texto “Aparelho formal”, Benveniste (2006, p. 83) fará uso da expressão “forma sonora que atinge o ouvinte”, colocando a voz em cena. Nesta passagem de Benveniste, de acordo com Kloss (2018, p. 54), “a enunciação está na voz”, pois o ouvinte se vê atingido pela voz do sujeito falante. Para autora é pela voz que o aspecto fônico pode ser escutado, ao mesmo tempo em que a voz só pode ser escutada porque está na linguagem; “e, se está na linguagem é porque existe um ‘eu’ na instância discursiva, o que, por sua vez, implica a existência de um ‘tu’ alocutado por esse ‘eu’ (KLOSS, 2018, p. 54).

Como no “circuito da voz”¹⁹, apresentado anteriormente, outro circuito, esse proposto por Benveniste (2006), também nos diz que o sentido é dado por aquele que escuta o enunciado, resultante da enunciação do sujeito falante. Será a voz que contribuirá para dar vida à linguagem e que significará o sujeito falante ao outro, permitindo, assim, a entrada do sujeito falante na *langue*. Aqui, mais do que um questionamento, caberia uma afirmação arriscada: se a linguística da enunciação não se ocupa propriamente do sujeito falante, mas, sim, dos rastros desse sujeito na enunciação, então a voz seria uma marca do sujeito falante na enunciação.

No circuito da voz é possível observar um “homem falando com outro homem”, assim como *Monsieur A* fala com *Monsieur B*, se tentarmos aproximar a leitura benvenistiana ao circuito saussuriano. Pois como sabemos, em vários momentos Benveniste parte de elaborações saussurianas para produzir as próprias reflexões, tendo o “circuito da *parole*” descrito por Saussure repercutido em diversos trabalhos do linguista francês.

A partir desse circuito, é possível perceber que a escuta sempre fez parte da linguística, no entanto, tudo indica que ela esteve ali muito mais como um processo fisiológico do ouvir do que como um processo de efeito como o escutar. Kloss (2018) a partir de uma reflexão de Roland Barthes aponta que ouvir consiste em um fenômeno fisiológico, onde as condições físicas da audição podem ser descritas recorrendo-se à acústica e à fisiologia do ouvido, enquanto escutar seria um ato psicológico, que envolve um “querer ouvir”.

Benveniste, a partir de sua perspectiva de enunciação, traz a noção dialógica eu/tu, na qual o “eu” determina o “tu” quando enuncia. No entanto, quando ele coloca o homem em relação ao outro, o faz através da voz, logo, a voz marcaria a relação do locutor com a língua,

¹⁹ Ao referir o circuito da voz (conforme seção 1.1.1.1), o faço substituindo *parole* por voz, pois como defende Ottaran (2019) a voz é anterior a *parole*, e considerando que nem sempre será a *parole* que melhor refletirá nossos sentimentos, uma vez que a voz será responsável por trazer algo de singular oriundo do sujeito.

colocando-se como uma marca do ato enunciativo. Ao mesmo tempo, se a voz indica o sentido da enunciação, é porque há um ouvinte que se deixa atingir por esse fenômeno.

Kloss (2018) propõe, acompanhando Coursil (2000) em “*La fonction muette du langage*” uma subversão, ou nas palavras da autora, uma torção entre as posições eu/tu propostas por Benveniste. A autora comenta:

[...] o lugar do eu somente poderia se firmar através da escuta (do tu). Para esse autor, a condição do “tu” não é de passividade; ao contrário, o “tu” é ativo porque é quem escuta. Em outras palavras, quem escuta seria também o “eu”; assim, o “eu” seria o falante B na representação saussuriana (e não mais o A). Portanto, o “tu” não seria uma pessoa, mas uma função - a função muda da linguagem. Enquanto Benveniste coloca a potencialidade no sujeito falante (ou na voz do sujeito falante, segundo essa dissertação), Coursil (2000, p. 69) coloca essa potencialidade na escuta e afirma: “ninguém pode escutar por mim e para mim” (COURSIL *apud* KLOSS, 2018, p. 58).

Comparando esta perspectiva enunciativa que tem forte viés dialógico, proposta por Benveniste, na qual o “eu” se relaciona com o “tu”, é perceptível que outro estudioso da linguagem, Mikhail Bakhtin, também trabalhou essa relação eu/tu, porém sob uma perspectiva que talvez se aproxime da torção apresentada por Kloss (2018), proposta por Coursil (2000). Além disso, Bakhtin em sua obra propõe a literatura como uma forma de nos relacionarmos com o outro. O princípio do dialogismo se apresenta a partir da premissa da constituição do eu pelo outro. E é isso que passaremos a explorar de forma mais detalhada na seção a seguir.

1.1.3 Bakhtin e a voz

Para Ponzio (2010), tratar de Bakhtin é remeter ao Círculo bakhtiniano, ou seja, Volochinov, Medviédev, Yudina, Sollertinski, Kagan, Kanaev, Vaguinov, Zubakin, Pumpianskii. A ideia de círculo busca romper com a ideia de poder, porque no círculo as palavras, as vozes circulam, é um lugar de multiplicidade, diálogo, onde a palavra é viva. No dialogismo a palavra se relaciona com o outro, e implica que “ser significa comunicar-se por meio do diálogo” (BAKHTIN, 2010a, p. 250), estabelecer relações como sujeito.

Antes de seguir é importante observar que o conceito de voz em Bakhtin diz sobre a impossibilidade de um enunciado sem um sujeito falante. Para o autor, a voz é a vida na palavra. Bakhtin (2000, p. 350) afirma que “é aqui que encontramos, em toda sua integridade, posições, pessoas (a pessoa prescinde de revelação extensiva: pode manifestar-se por um único som, revelar-se por uma única palavra), justamente vozes”.

Bakhtin elabora sua compreensão da linguagem no campo da literatura por entender ser nela possível o dialogismo e o plurilinguismo. Nesse contexto, “a linguagem literária torna-se modelo, matéria e instrumento da crítica a teorias da linguagem que não a consideram uma tessitura dialógica, polifônica e plural” (PETRILLI, 2010, p. 41). Segundo Bakhtin, o texto não é algo sem voz. O texto se realiza no cruzamento dos sujeitos discursivos, mobilizando sentidos que estes sujeitos criam no ato de leitura. Essa leitura pelo viés dialógico também pode ser entendida como possibilidade de nos depararmos com o outro. Volóchinov (2017) refere que a leitura não se encontra nem no texto, nem fora dele, mas nas possibilidades de relação e interlocução entre aquele que escreve e aquele que lê, mediado pelo texto.

Para Volóchinov (2017), as vozes às quais Bakhtin se refere são construtoras dos sentidos de nossas enunciações por nos incitar a resposta. Para forjar um novo sentido a partir das vozes alheias, nos envolvemos em um processo de compreensão. Todas as palavras são direcionadas a alguém e são de alguém, é no processo da comunicação verbal, da interação com o outro, que alguém se faz sujeito. O “eu” só irá existir na medida em que estará relacionado a um “tu”.

Logo, o ato de enunciar sempre será um encontro com o outro, encontro baseado em uma responsabilidade específica que essa relação produz. Esses atos, realizados “para outro”, procurando seu olhar e sua sanção, repercutem de uma maneira definitiva em outra pessoa e no mundo. O que acontece entre nós, entre o “outro” e o “eu”, é um “acontecimento do ser”, um “aconteSer”.

Novaes (2009) situa o diálogo como propiciador de pontes de entendimento para construção conjunta de sentidos. Assim, o diálogo não seria apenas um gênero discursivo; teria valoração ética em qualquer atividade humana. Para o autor, a crescente dificuldade em dialogar constitui uma “fatalidade dos tempos modernos” presente nas diferentes manifestações de intolerância e diferença. De acordo com Volóchinov (2017), a vida tem uma essência irremediavelmente dialógica e, especialmente por isso, a interação humana mediada pela fala foi um dos principais temas de seus estudos. Ele caracteriza o diálogo como a maneira mais básica e importante de comunicação, um gênero de discurso primário que se produz na relação imediata entre os sujeitos. Ele também afirma que “[...] o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em **voz alta** entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independente do tipo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219, grifo meu).

A noção de enunciado está no centro dos estudos bakhtinianos e permite refletir sobre as dimensões histórica, cultural e social da linguagem. A fala é articulada por meio do

enunciado, assim como a expressão dos pensamentos e sentimentos humanos e sua tradução em palavras também irá acontecer por meio de enunciados (enunciações). Assim, “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2016, p. 17).

Para Bakhtin (2016), um enunciado é uma expressão particular sustentada por uma estrutura composta por três elementos: tema, estilo de linguagem e construção composicional, que se vincula a certo domínio da atividade humana e do emprego da língua. Segundo o pensador russo assinala, em cada domínio há um conjunto de enunciados específicos – ou gêneros do discurso. Ele não faz diferenciação entre gêneros orais e escritos, porém os categoriza em gêneros do discurso primários e secundários e assinala que os gêneros possuem caráter essencialmente social, dialógico e ideológico.

Então, conforme Bakhtin (2016), as situações comunicativas se processam por meio de enunciados, ou seja, unidades reais do discurso, que podem ser de natureza falada ou escrita e integram um gênero do discurso. Adquirimos esses gêneros do discurso de forma semelhante àquela que conduz ao desenvolvimento da língua materna – que será, por meio de enunciados concretos transmitidos nas comunicações cotidianas.

Cada enunciado se constitui como um dos elos de uma corrente. A partir desse entendimento, é possível dizer que nas situações de interação espera-se uma atitude recíproca por parte dos envolvidos; assim como na leitura em voz alta, quando se dialoga sobre o texto lido, espera-se que o outro participe ativamente, concordando, discordando, apresentando complementos, contestando, ou respondendo de alguma outra forma. Isso remete ao princípio de alternância, que é o demarcador dos limites do enunciado. E implica dizer que, no ato comunicativo, os sujeitos do discurso devem se revezar no uso da palavra: “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar a sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 29).

A compreensão responsiva, em um olhar bakhtiniano, diz respeito sobre pensar os sujeitos não como simples emissores e receptores de mensagens (falantes e ouvintes), mas o oposto disso: “toda a compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016, p. 25).

A dialógica bakhtiniana nos fornece elementos para discutir mais sensivelmente os impasses do campo, pois aborda amplamente as vicissitudes da relação inter-humana e a importância do desenvolvimento de posicionamentos responsivos/compreensivos, pois “a palavra sempre quer ser ouvida, sempre procura uma compreensão responsiva, e não se detém

na compreensão imediata, mas abre caminho sempre mais e mais a frente” (BAKHTIN, 2016, p. 105). Nessa direção, se considerarmos que a postura ética é sempre alusiva ao outro, e se levarmos em conta que o homem é um ser para o diálogo, a noção de compreensão responsiva será elevada a um posicionamento ético indispensável em todas as relações.

Somente em uma relação dialógica acontece a abertura para acolhimento e respeito das significações do outro, ainda que tais significações sejam de difícil entendimento, é apenas nesse contexto que há empenho para compreensão e produção conjunta de novos significados. Pela palavra o sujeito descreve sua posição na existência, os afetos provocados pelas adversidades do viver, e seus modos de lidar com o mal-estar social.

A partir das construções de Bakhtin se percebe que a palavra é uma ponte lançada entre mim e os outros; em uma extremidade ela se apoia sobre mim, na outra, apoia-se sobre meu(s) interlocutor(es), assim como na leitura em voz alta, por meio da qual vamos construindo enunciados através do diálogo.

Bakhtin (2000) diz que lemos o tempo todo e de variadas formas, por isso toda experiência de leitura, por mais informal que possa parecer, pode abrir um horizonte de possibilidades para o indivíduo perceber o mundo e perceber-se nele. Um bom exemplo disto é a leitura em voz alta que, a partir dos diálogos tecidos, possibilita ressignificações e reflexões, provocando movimentos que nos levem a considerar a linguagem como produção constituída nas interações e a leitura como processo dialógico, ligada à vida e às relações estabelecidas no/pelo texto.

Para Ponzio (2010, p. 344), a teoria de Bakhtin “comporta um novo humano, um humano da alteridade”. No Círculo de Bakhtin, é justamente a possibilidade da palavra que circula e leva à ideia de busca de diálogos. Para Bakhtin (2010b), essas vozes se cruzam, entrecruzam, coexistem, sem hierarquias, onde cada um é um ponto ligado ao outro para formar um círculo.

O Círculo se torna possibilidade de local para vozes equivalentes, que, para Bakhtin (2010b), são diferentes, mas de igual significação, são palavras ideológicas, de mesma importância, que compõem um quadro nomeado como polifonia, assim, “o outro não é somente o outro em relação a você, mas também outro você, o outro de cada um” (PONZIO, 2010, p. 10). Ao trazer a palavra outra para mim, ela se torna um signo. Quando o signo externo não é interiorizado ele não é signo, é objeto. Ao se tornar interno, ele assume uma subjetividade, que para Bakhtin (2010b) é a entonação. Mas a palavra não deixa de ser social, apenas adquire um valor diferente devido à própria subjetividade, um signo social só pode existir em uma situação

social. Assim, manifesta-se a singularidade do homem, que não quer dizer unitário ou isolado, mas o homem como ser único, que tem experiência social única.

1.1.4 Algumas considerações

Ao finalizar esta seção sobre a voz e os estudos da linguagem, algumas considerações se fazem importantes. Apresentei aqui autores que pertencem a um mesmo campo do conhecimento, porém com diferentes abordagens e formas de pensar. Estes autores receberam destaque aqui não apenas por seus campos teóricos, mas sobretudo por um ponto específico: todos, de alguma forma, dedicaram em seus estudos um olhar à voz; ainda que ela não tenha ocupado o papel de objeto central de pesquisa, todos, de alguma maneira, lhe deram algum valor e significado. Quando nos valemos das palavras de outros autores, assim como fiz neste escrito, as palavras vêm carregadas de vozes. Considerando que a voz confere vida à palavra, conforme Hartmann (2007), quando tomamos estas palavras para compor algum escrito, a voz que passa a dar vida a estas palavras não é mais a de Saussure, Benveniste e Bakhtin, mas a voz daquele que lê. Considerando que aquele que escreve lê, enquanto escreve, ou seja, ouve a sua voz.

1.2 A voz e a literatura

Ao iniciar este diálogo entre voz e literatura, é preciso dizer que nesta parte do texto tenho como objetivo focalizar a figuração da voz, do ponto de vista da literatura, passando também pelo diálogo com a filosofia. Com isso, sublinho que não pretendo aqui reduzir a voz ao discurso oral e semântico (onde o que importa é apenas o significado), mas, sim, vê-la como algo implicado em um campo relacional de ressonâncias entre os sujeitos e suas narrativas literárias, tal como se daria em um processo enunciativo.

1.2.1 Voz, performance e escrita poética

Como disse no início deste capítulo, falar sobre voz, especialmente nos campos da linguística e da literatura, é sempre um desafio muito grande, especialmente pela dificuldade de reduzi-la a um único conceito, em especial se considerarmos as múltiplas perspectivas para

conceituá-la: fisiológica, filosófica, estética, clínica, linguística, fonoaudiológica, psicológica, entre outras.

Contudo, para essa discussão, apesar de considerar a voz como um “complexo”, a exemplo de um sistema, como também mencionado anteriormente, me valerei do sentido de voz utilizado por Oliveira (2018), para quem voz implica a fisicalidade da garganta, e de todos os órgãos envolvidos na fonação, da respiração, além de suas qualidades de peso, timbre, altura, ritmo que lhe conferem uma corporeidade singular, para além da simples redução à palavra oralizada. Mas também, um corpo vocal que se inscreve num outro – o do sujeito – e ainda se dirige a outros que ouvem e participam desse ato performático “[...]Trata-se de um campo de ressonâncias que implica, mais do que aquilo que se diz e se comunica pela fala, o modo, a gestualidade, a expressão daquilo que não pode ser capturado pela palavra, em uma teia complexa de reverberações” (OLIVEIRA, 2018, p. 43).

Milano & Ayub (2022) sustentam que essas materialidades física e fisiológica evidenciam o quanto a produção da voz é dependente do corpo, mas não apenas isso, esse mesmo corpo que produz voz é também responsável por acolher e lidar com os efeitos que ela produz. “Percebe-se, portanto, que o corpo todo – os órgãos e os sentidos – se colocam em cena quando se trata de produzir e receber voz” (MILANO & AYUB, 2022, p. 123).

Em “Performance, recepção, leitura” (2018), Zumthor, ao descrever uma cena de sua infância, nos dá uma dimensão do que seja a percepção da voz em ato performático: conta ele que em uma rua de Paris, havia um cantador e os folhetos que ele distribuía entre os que paravam para ouvi-lo naquele momento. Segundo ele, toda a sua atenção, seu corpo, seus sentidos estavam ali, usufruindo da presença do cantador e de seu canto inseparável. Mas também havia o grupo, o riso das meninas, e o céu de Paris “[...] mais ou menos tudo isso fazia parte da canção. Era a canção” (ZUMTHOR, 2018, p. 29). Dias depois tentou recuperar o prazer daquele momento por meio da leitura do folheto e do canto da melodia ouvida, mas surpreendeu-se ao perceber que isso não era possível porque a letra era incapaz de recuperar a totalidade daquela presença da performance que, em um único instante, integrou voz, palavra, canto, gestualidade, corpo e todas as sensações envolvidas naquela experiência.

Performance é o único modo vivo de comunicação poética e, de forma mais radical, ainda o poético, para gerar seus efeitos necessita da presença viva de um corpo: de um sujeito [...] que ouve, vê, respira, abre-se aos perfumes, ao tato das coisas. Que um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não depende do sentido que nosso corpo tem (ZUMTHOR, 2018, p. 34-35).

Oliveira (2018) ressalta como Zumthor, medievalista, escritor e estudioso do fenômeno da voz, destacou em seus livros como o ocidente consolidou toda uma cultura alicerçada sobre a escrita, a visualidade e a impressão gráfica, que passaram a caracterizar o fenômeno literário, determinando o domínio da letra sobre a voz, relegada a um plano inferior das manifestações da oralidade e do folclore. Muito embora Zumthor observe que, “embora oprimida, a voz não sucumbiu e pode ser encontrada nas camadas mais profundas dos textos verdadeiramente poéticos” (OLIVEIRA, 2018, p. 45). O autor salienta que, a partir dos séculos XX e XXI, a exemplo da Poesia Sonora²⁰, houve um resgate da vocalidade.

Nesta direção, Oliveira (2018), ao falar sobre a escrita poética, diz que nela explora-se “o corpo (tipo)gráfico das palavras e das letras, que deixam de ser meros sinais condutores de ideias, para ganharem a densidade de sentidos potenciais daquilo que ainda não é palavra semantizada, mas que pulsa com a voz do puramente dizível” (OLIVEIRA, 2018, p. 45).

Para Oliveira (2018), o corpo visual e vocal, um na presença do outro, são mais do que figuras, são corpos em atuação em um contexto: que seria a página do livro, e nos pontos de fim e começo desse processo de ressonâncias, estão o leitor com seu corpo e sua imaginação criadora. De acordo com o autor, este seria o ponto de figuração que implica a performance, ou seja, um ato de figurar, encenar, constituir-se como presença corporal no aqui e agora: “palavra e não-palavra, voz, visualidade, tatilidade e gestualidade num campo no qual reina a ressonância, locus do significado para aquele que está à escuta²¹” (OLIVEIRA, 2018, p. 46).

Essa perspectiva de voz-corpo-outro é assim detalhada pelo autor:

É neste contexto que tem lugar a corporeidade exigida pela percepção poética, trazendo a presença da figuração performática da voz, isto é, uma cena viva que se levanta da bidimensionalidade do papel e traz à presença do leitor, em sua leitura silenciosa, uma outra com que enuncia a mensagem no tom, na expressão e na gestualidade, que está naquilo mesmo que se diz e nos espaços vazios do que ficou por dizer. Neste circuito de ressonâncias, o leitor é aquele que é afetado em seu corpo e em sua imaginação pelo desejo irresistível de reconstruir o lido num outro corpo-voz, atestando o prazer que o texto poético nele provocou, ou nas palavras de Zumthor: “[...] Ora, a leitura do texto poético é escuta de uma voz. O leitor, nessa e por essa escuta, refaz em corpo

²⁰ De acordo com Tosin (2021), a poesia sonora é um gênero específico da poesia experimental que explora uma ampla possibilidade de usos do aparelho fonético humano, conduzindo a instâncias anteriores às entonações da fala, levando a vocalidade ao seu limite máximo, sem o suporte da escrita.

²¹ Para Milano & Ayub (2022, p. 128), “escutar a si e ao outro nem sempre é fácil. O desafio de ser um ‘escutador’ – ou seria um ‘leitor escutador’? – parece aumentar ainda mais a dificuldade”. De acordo com os autores, este “tensionamento” aparece a partir de uma leitura de Barthes e Haras na Enciclopédia Einaudi (1987) onde estes dizem que “a ordem de escutar é o apelo total de um sujeito a outro” (BARTHES & HARAS *apud* MILANO & AYUB, 2022, p. 128), sendo a relação de ambos estabelecida pelo “contato quase físico” entre voz e ouvido, retomando o circuito da *parole*, de Saussure.

e espírito o percurso traçado pela voz do poeta: do silêncio anterior até o objeto que lhe é dado, aqui, sobre a página.” (OLIVEIRA, 2018, p. 46).

Por meio de alguns conceitos de Zumthor, foram discutidos voz, performance e escrita poética na presente seção, autor que nos acompanhará no próximo ponto na tentativa de buscarmos as marcas da voz na letra.

1.2.2 Marcas da voz na letra

É importante ressaltar aqui que quando apontei Zumthor como autor principal ao falar de voz e literatura, o faço pela importância que o autor tem quando, ao trazer a voz e a oralidade para dentro da escrita, oferece ao âmbito literário novas perspectivas de leitura e análise à medida que distingue os conceitos de voz e oralidade partindo da literatura medieval, visto que ela passa a ser contada e oralizada antes da escrita.

Em “A letra e a voz” (1993), Zumthor afirma que se houvesse uma ciência da voz, ela não estaria centralizada em uma única forma de conhecimento, pois deveria abranger, em princípio, a fonética e a fonologia, além da antropologia, da história e da psicologia da profundidade. Nessa mesma obra, o autor refere-se à voz do ser humano real, e não à do discurso, uma vez que o texto literário é uma voz que está dentro de um suporte escrito, portanto, mediada.

A maneira com que Zumthor desenvolve o assunto causa grande impacto, principalmente ao afirmar que a voz não se reduz à palavra oral. Tal conceito remete à questão da palavra oral como qualidade simbólica da voz; já o tom, o timbre e a altura se apresentam como elementos não linguísticos e de qualidade material.

Vale lembrar que ao tratar da voz e de suas artes, Zumthor não as divide em popular e erudita, pois para o autor não existe uma supremacia entre elas, o filósofo suíço apenas questiona o que é cultura popular e o que é cultura erudita.

É inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando-lhe os traços que contrastam com a escrita. Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna (ZUMTHOR, 1993, p. 27).

Segundo Medeiros (2007), hoje em dia a oralidade apresenta novos modelos de configuração e possui inúmeros recursos tecnológicos que asseguram sua circulação; de acordo com a autora, durante os anos de 1980, quando Zumthor escreveu a maioria dos seus textos, ele já percebia que a oralidade mediatizada havia sido destituída de seus traços definidores,

passando a figurar como um produto da cultura de massas. Concebida como uma tradição erudita escrita e elitista, essa nova oralidade conta com a indústria e o comércio para sua realização e produção, o que limita a espontaneidade da voz e acaba por originar novos tipos de vínculos coletivos geradores do que Zumthor irá chamar de uma “sociedade de síntese, agindo sobre elementos separados e fragmentados dos grupos estruturados tradicionais” (ZUMTHOR, 1997, p. 29).

Para Medeiros (2007), uma das maiores qualidades da oralidade – ou seja, sua capacidade de tornar todos os envolvidos no ato de comunicação em sujeitos – acaba por desaparecer quando é colocada em voga uma voz que não permite resposta, uma voz que acaba por despersonalizar e perder sua vocação comunitária.²² A oralidade que se produz a partir dos equipamentos disponíveis atualmente separa quem fala daquele que ouve, o que acabaria por eliminar a situação que Zumthor (2018) chamou de performance, quando todo corpo comunica junto com a voz. Medeiros afirma ainda que outra característica desta voz, propagada pela tecnologia, é que os envolvidos neste ato deixam de ser sujeitos, alterando o que, segundo ela, seria uma condição natural humana.

É importante ressaltar que, assim como a oralidade resistiu às culturas impressas, certos traços que lhe definem também podem sobreviver às modificações impostas pela indústria cultural, posto que a voz é um dos meios mais naturais e espontâneos de expressão.

Assim, ao falarmos de Zumthor e de sua preocupação com a forma dominante e privilegiada que a escrita exerce sobre a oralidade, cabe um questionamento: qual o lugar que a manifestação da voz ocupa na literatura ou mesmo nas classes nas quais se “ensina” literatura?

De acordo com Medeiros (2007), hoje os locais de ensino são lugares de aquisição e aprimoramento da escrita, muito diferentes do ambiente doméstico e familiar. Cria-se uma dicotomia entre o mundo escolar, em que se aprende e se demonstra o aprendizado via palavra escrita, e o mundo fora da sala de aula, onde a voz que se ouve ao celular, na televisão e mesmo nos jogos eletrônicos e no WhatsApp²³, acessado via celular, predomina, constatando-se mais uma vez que a escrita não é uma forma natural de expressão humana.

²² Aqui, quando Medeiros (2007) se refere às mídias, está falando, por exemplo, da televisão, na qual o ouvinte, ao escutar a emissão, está presente. No entanto, quando ocorre o ato da gravação, ele seria apenas uma figura abstrata e estática. De acordo com Zumthor (1997), nestes momentos “restam apenas sentidos envolvidos nesta percepção à distância – a audição – e, quanto ao cinema e a televisão, a visão” (ZUMTHOR, 1997, p. 30), produzindo o que o Zumthor (1997) definiu como uma defasagem, ou deslocamento do ato comunicativo oral.

²³ O “WhatsApp”, assim como outros meios de comunicação rápida via internet, revela uma curiosa relação entre oralidade e escrita, uma vez que as mensagens são escritas a partir da dinâmica da voz. Tornando essa relação uma nova forma de ligação entre letra e voz.

Medeiros (2007) aponta como as escolas, que para ela são uma das instituições cujo acesso é mais universal, estão – ainda que de uma forma muito lenta – tentando buscar reparações eficientes e significativas aos danos provocados por um sistema que objetifica os sujeitos a partir da priorização da escrita.

Pois parece-me que, se a escola efetiva e sistematicamente der espaço à voz, sentimentos de pertencimento ao grupo e de afirmação de subjetividade podem tornar-se realidade construída sem nenhum grande aparato ou investimento material. O investimento a fazer para isso é humano, total e exclusivamente humano; é necessário investir na capacidade inata de falar e de ouvir, de maneira que a condição de sujeito seja alcançada. Se a escola é justamente um dos espaços destinados à construção de sujeitos e de cidadãos, não seria o caso de retomar, neste novo milênio, práticas de oralidade e dar voz aos membros da comunidade, professores, alunos e famílias ou cuidadores? (MEDEIROS, 2007, p. 09).

Para que as práticas de leitura em voz alta aconteçam, é preciso mostrar que há outras formas de ler alguns textos, e que é preciso ouvir outros. Pois, como destaca Medeiros (2007, p. 10), “assim se refaz na formação do professor a própria história da literatura, que da voz se faz a letra sem jamais deixar de ouvir o eco do som que, estranhado no humano, impele-o ao outro em busca de interlocução”.

1.2.3 Mas por que ler em voz alta?

Parece que, de certa forma, a provocação feita por Medeiros (2007) na citação anterior vem sendo respondida com a crescente adoção da leitura em voz alta como forma de trazer estes alunos para o mundo da leitura e literatura. Pois, de acordo com Jean (1999), sendo a leitura em voz alta uma atividade de interação e integração, essa prática leitora assume cada vez mais uma função social, pois é por meio dela que leitor e ouvinte estão ligados pela voz, numa relação de intimidade e de cumplicidade, uma vez que um empresta sua voz carregada de informações para o outro, que se propõe a produzir os sentidos oriundos da pronúncia das palavras.

É claro que a leitura em voz alta a que nos referimos não é aquela destinada somente à decodificação do texto escrito, mas a que possibilita ao leitor compreender o texto que lê a partir da expressividade que é dada a essa prática; é uma atividade que tem como finalidade comunicar ou fazer entender o texto.

Ayub (no prelo) propõe que se repense o lugar que a leitura em voz alta ocupa – ou poderia ocupar – em contextos educacionais, em especial na aula de língua e literatura, como forma de oportunizar aos educandos o contato com o texto literário. Para o autor, um dos primeiros motivos pelos quais se deveria oportunizar a leitura em voz alta aos educandos seria

pelo simples fato de que este é um dos direitos do leitor, ou seja, uma das maneiras possíveis de lidar com os livros. “Se ler em voz alta é parte da experiência do leitor, por que então negá-la aos educandos?” (AYUB, no prelo, p. 74).

Ayub (no prelo) afirma que se acreditamos que haja qualquer graça em ler e queremos de alguma forma passar isso para os educandos, se queremos que eles leiam e tirem algum proveito dessa atividade, então deveríamos, enquanto leitores e educadores, garantir que eles desfrutem das mesmas condições – dos mesmos direitos – de que nós mesmos desfrutamos para encontrar essa graça na leitura. Em seus questionamentos, Ayub coloca que, para haver a realização de tal atividade na escola, parece ser necessário um respaldo do mundo contemporâneo ao compartilhar textos literários em voz alta. Para justificá-la, deveria haver nas práticas habituais de leitura a necessidade de ler literatura em voz alta e em grupo, tornando assim desejável que os educandos fossem, então, preparados para tal. Todavia, de acordo com o autor este propósito nem sempre existe, o que tornaria sem utilidade ler em voz alta.

Ayub ainda observa que, muito embora pareça que a leitura em voz alta compartilhada não tenha utilidade, não devemos, segundo o autor, desistir de querer que o educando leia, ou mesmo suprimir a leitura do currículo escolar. Pois, contrário ao que se pensa, a literatura pode assumir uma função muito importante, até mesmo como forma de resistência aos egoísmos do presente, como antídoto à barbárie, que acaba por corromper muitas vezes nossas relações sociais e afetos.

Assim, ao assumirmos a leitura em voz alta como uma forma de resistência, e de trazer novos ensinamentos aos educandos, é que este ato

[...]assume grande importância. “É um gesto de generosidade dar espaço para outro dentro de um texto” (LOVATTO; ENDRUWEIT, 2020, p. 113), e é por isso que, acredito, a leitura em voz alta se coloca como “forma de resistência aos egoísmos do presente” (ORDINE, 2016, p. 33): eu cedo lugar para que a voz de outro participe de um processo que eu poderia cumprir sozinho e, com isso, me abro para o que a voz desse outro possa acrescentar à minha leitura. “Ao se ler em voz alta, a voz se desprende do corpo e se empresta ao outro. Ela ecoa feito pura alteridade. Assim ela segue até fazer efeito na escuta do outro” (MILANO, 2017, p. 81). Parece-me, pois, algo que desejaríamos trabalhar com nossos educandos[...] (AYUB, no prelo, p. 75).

Assim como destaca Milano (2017) no trecho de Ayub acima apontado, a voz se desprende do corpo e se empresta ao outro. Este processo de endereçamento da voz se faz também muito presente no momento analítico, onde o analista proporciona um espaço de escuta para seu paciente. Será dessa relação entre voz, escuta e psicanálise que me ocuparei no capítulo

seguinte, lançando um olhar sobre essa relação entre o sujeito e as vozes que o rodeiam para, depois, operarmos deslocamentos para o campo da leitura em voz alta.

2 Voz, psicanálise e linguagem

Para Jean Michel Vives (2021), são poucos os trabalhos dos psicanalistas que abordam a questão da voz, a qual segundo ele, encontra-se, no próprio coração do dispositivo implementado por Freud. De acordo com o autor, basta verificar a infinidade de dicionários de psicanálise publicados para se verificar que nenhum deles traz sequer um único verbete dedicado à voz. “Essa ausência espanta tanto mais na medida em que é justamente a voz que psicanalistas têm de trabalhar[...]” (VIVES, 2021, p. 16).

No entanto, de acordo com Vives (2021), todas as outras ciências que se preocupam com o humano, como a neurologia, filosofia, antropologia, etnologia e até mesmo a história não apresentam tal desinteresse. Para o autor, todos os trabalhos desenvolvidos por estas ciências acabam por elaborar hipóteses estimulantes e resultados fascinantes. É possível notar que todos possuem um ponto em comum ao abordar a voz unicamente como produção do indivíduo, e não como origem própria da produção do sujeito.

Para Vives (2021), é exatamente isso que a psicanálise nos permite perceber: “o sujeito não é somente produtor da voz; ele é, igualmente, seu produto” (VIVES, 2021, p. 20). Ou seja, não há um sujeito sem um “chamado primeiro” que o convida a advir, não há sujeito sem endereçamento sustentado por uma voz, seja esta sonora ou não, à qual o recém-nascido terá escolhido responder. A partir daí, a psicanálise nos autoriza a pensar a relação, paradoxalmente ambivalente, existente entre o sujeito e as vozes que o rodeiam, uma vez que a voz será sempre voltada para o outro pois, como ele argumenta, “[...]é em um grito, em uma jaculação sonora, que o pequeno humano, que acaba de nascer, apresenta-se ao mundo[...]” (VIVES, 2021, p. 21). Segundo ele, a abordagem psicanalítica permite inverter as perspectivas propostas por outras ciências humanas, permitindo, assim, considerar a voz como um estado na origem do sujeito.

A voz é ao mesmo tempo o que chama o sujeito a advir, o que está perdido assim que este aceita entrar na linguagem, e o objeto do qual o sujeito tentará aproximar se – senão encontrar – pelo intermédio dos dispositivos que o convocam[...] (VIVES, 2021, p. 21).

Para Vives (2021) é importante perceber que diferente das pulsões oral, anal e escópica, que tem relação com um único orifício, respectivamente, boca, ânus e fenda do olho, para a pulsão invocante que tem por objeto a voz, faz relação com dois orifícios: boca e ouvido. Dois orifícios ao quadrado pois, de acordo com o autor, estão implicados a boca e ouvido daquele que se tornará sujeito, e, igualmente, ouvido e boca daquele que acolhe a produção vocal daquele que o autor denomina como “*infans*”, ou seja, aquele que ainda não fala.

[...] o percurso dos diferentes tempos da pulsão invocante, que se declinará em “ser ouvido/chamar”, “ouvir/ser chamado”, “se fazer ouvir”, necessita da divisão entre o sujeito e o outro, a qual implica um ganho – a aparição de uma voz, e então, de um espaço subjetivo próprio – de uma perda: a do gozo²⁴ da “Coisa²⁵” (VIVES, 2021, p. 21).

A seguir tentarei explorar um pouco mais este papel que a voz ocupa na concepção teórica psicanalítica, buscando entender como ela abre espaço para dialogar com a linguística.

2.1 Psicanálise e voz

Freud (1888), em seus estudos sobre as neuroses, foi o primeiro a fazer referências à relação entre voz e psiquismo. Ele situou a afonia entre os sintomas da histeria, a qual teria sua origem em algum conflito psíquico, onde os sintomas apresentados não teriam uma causa física. Freud partia do pressuposto que o psiquismo era determinado pelo inconsciente: um conjunto de conteúdos recalcados que não tiveram acesso à consciência.

Então, para o autor, o sintoma se trata de uma representação de conteúdos inconscientes e teria uma representação no corpo e uma representação mental. Nessa perspectiva, é possível entender o sintoma como sendo, ao mesmo tempo, uma tentativa de satisfação de um desejo e uma negação a essa satisfação. Para Freud, o sintoma sempre tem um significado latente além do manifesto; ele é revelador da vida psíquica do paciente. É importante destacar que um indivíduo pode usar de seu corpo e não da fala para dizer de seu sofrimento.

Para Pinheiro & Cunha (2004), ao destacar o texto “La voz: entre cuerpo y lenguaje”, de Rosolato (1997), situam a voz como algo que nos possibilita alcançar o mundo desde o início da vida. Durante o desenvolvimento do bebê, o mesmo se vale do grito e/ou o choro como uma manifestação de excitação, dor ou prazer, que pode ser espontânea ou passiva. Mais adiante ele se utilizará de ruídos vocais como forma de interagir com o ambiente, controlar suas emissões e reproduzir sons escutados. Além disso, deste ponto em diante ele consegue suportar a ausência materna usando desses mesmos jogos vocais. Essa gama de sons que o bebê produz será substituída, quando adulto, por sons que permitam uma melhor comunicação.

²⁴ Para Lacan, o gozo designa tanto o excesso de prazer, a satisfação demasiada intensa, quanto o sofrimento resultante de uma excitação interna prolongada, tendo por consequência desorganizar o frágil equilíbrio visado pelo princípio do prazer.

²⁵ A Coisa é uma noção introduzida por Freud em sua obra “Projeto para uma psicologia científica”, e serve para designar como o primeiro objeto de satisfação vivenciado pelo sujeito. Melanie Klein identifica esse objeto como sendo o corpo da mãe.

Pinheiro & Cunha (2004) salientam que a voz pode ser vista como semelhante ao conceito de pulsão²⁶, tomando esse termo na acepção freudiana. Isso porque, para os autores, a voz tem um lugar no biológico/corporal e no psíquico “[...]origina-se em uma excitação/tensão que tem que ser reduzida na busca de um prazer; tem um objeto (afetar um receptor para assegurar a comunicação) e também está inscrita no registro de afeto (voz) e de representação (palavra)” (PINHEIRO & CUNHA, 2004, p. 87).

Spitz (1987), comentando uma peça musical [...] afirma que a voz cria a ilusão de ligação entre o eu e o outro. Baseando sua reflexão nos escritos de Margaret Mahler sobre o desenvolvimento infantil, afirma que a voz é somente uma maneira parcial de superar as separações que ocorrem durante o desenvolvimento, e nos extremos dessas separações estão o nascimento (primeira separação) e a morte (SPITZ *apud* PINHEIRO & CUNHA, 2004, p. 87),

Para os autores, além de uma manifestação da ansiedade do bebê diante de sua fragilidade e dependência, a voz também marca o seu próprio aparecimento fora do corpo materno. E é a medida que a voz tenta superar as separações, ela também vai se tornando uma forma de afirmação do *self*, e confirmação da identidade que se desenvolve.

Inicialmente, o grito do bebê é orgânico e aos poucos: [...]o homenzinho adquire vaga consciência do que ocorre através de suas cordas vocais e das sensações que nelas pode provocar. Tira novos prazeres em se ouvir repetir os ruídos vocálicos que aos poucos descobre. Também logo sabe utilizar esses ruídos para manifestar necessidades e desejos. Aprende que certos sons produzidos por sua garganta resultam na presença amada e tranquilizadora que almeja (PINHEIRO & CUNHA, 2004, p. 88).

Ao longo do seu desenvolvimento, o recém-nascido irá experimentar a voz como algo que ao mesmo tempo em que constata a separação entre ele e a mãe, possibilita também a presença desse objeto de desejo. “A voz prolonga a boca, que mama nos limites perceptíveis do ouvido” (PINHEIRO & CUNHA, 2004, p. 88).

Pinheiro & Cunha (2004) comentam que à medida que o ser humano se desenvolve, toda palavra escolhida para a comunicação traz consigo a possibilidade de expor conteúdos psíquicos, bem como a direção a ser seguida no processo analítico. Ou seja, será pela voz que a palavra será trazida a esse contexto analítico. Esse processo pode ser aproximado do que se observa no momento da leitura em voz alta compartilhada: após a leitura, o grupo parte para a discussão e, neste momento, as palavras do autor lido, ao serem atravessadas pela voz dos

²⁶ Pulsão, ou instinto, é entendida como uma fonte de estimulação que ocorre no interior do corpo. O objetivo da pulsão é eliminar a tensão causada pela estimulação corporal, buscando satisfação através de alguma atividade.

participantes e carregadas com os conteúdos psíquicos de cada componente do grupo, repercutem no debate.

Bollas acrescenta que [...] nessa relação de falante e ouvinte, na situação psicanalítica, podemos compreender a boca, o ouvido e a voz como sendo erogenizados. Por meio das vocalizações [...] expressamos a afetividade, para onde está direcionada a nossa libido; transmitimos por meio de nossa voz uma fusão inconsciente de sexualidade e agressividade. Comenta, ainda, que há muitos caminhos para se expressar afetos, mas a voz seria o mais efetivo (BOLLAS *apud* PINHEIRO & CUNHA, 2004, p. 88).

Já Vives (2013), tomando a voz na poesia através de um olhar analítico, defende que criar uma voz seria um modo de consolidarmos nossa existência no mundo; para tanto, utiliza o termo voz no sentido de “dar voz”, “deixar falar” o que somos, assim, neste contexto a concepção de voz poderia ser relacionada a todas as formas de linguagem, a exemplo da poesia, prosa, diálogo analítico e até mesmo nas conversas do dia a dia.

Para o autor, a voz poderia ser entendida como um canal para a experimentação do “eu”, consciente ou não, no qual ela não seria uma expressão do “eu”, mas uma manifestação do ato da fala ou escrita. Vives (2013) diz, ainda, que para cada situação criamos uma voz, e a singularidade dessas vozes pode ser entendida como uma forma individual gerada no meio em que se usa a linguagem. Então, nessa perspectiva, a voz não é algo pronto, acabado, mas é ação, movimento, sendo recriada a todo instante. Essa observação que Vives faz sobre a singularidade das vozes poderia ser relacionada, no momento da leitura em voz alta, com o lugar ocupado por cada leitor, no qual ele “cria” uma voz para emprestar ao texto, voz esta que marcará a sua leitura, conferindo-lhe identidade.

Fazendo uma reflexão sobre o *setting* analítico, é possível afirmar que a voz do analista e a voz do analisado são ambas exclusivas, trazendo à tona a experiência inconsciente que se estabelece na relação dentro do espaço terapêutico, onde o próprio *setting* contribui para uma sensibilização maior da voz do analisado, pois devemos considerar que ele, talvez, nunca tenha escutado sua voz, e esta possibilidade de escutar-se pode conduzi-lo à experiência de criar sua própria voz. Algo parecido com esta experiência pode ser observado no momento da leitura em voz alta, quando o sujeito escuta pela primeira vez sua voz repercutindo no texto²⁷.

Como o sujeito está sempre em processo de constituição, a produção da voz é uma das maneiras do *self* “vir-a-ser” para si e para os outros. A voz expressa e comunica a experiência subjetiva do sujeito. Os sentidos do que falamos vão se enredando e formando redes associativas por onde circulam os afetos, e essas redes associativas se constituem das ressonâncias e ecos semânticos mais as ressonâncias e ecos sonoros. Os aspectos psicofísicos do que se diz

²⁷ Não é raro nesse momento da leitura em voz alta ouvir depoimentos de leitores dizendo o quanto se surpreenderam com os efeitos do texto em si, ao se escutarem lendo em voz alta.

(estilo da dicção, melodia, ritmo, harmônicos) são responsáveis pelas ressonâncias e pelos ecos sonoros que a voz produz. Há, também, as ressonâncias e os ecos de quem escuta essa voz: são efeitos produzidos no corpo do ouvinte (“escutar com o corpo inteiro”) (PINHEIRO & CUNHA, 2004, p. 88).

Visto isso, não podemos esquecer que a voz, além de ser o que de mais próprio cada sujeito pode produzir, será ao mesmo tempo aquilo que nos possibilita entrar em contato com outras vozes e ser afetado, e/ou até mesmo modificado por elas. Nesse sentido, a linguagem envolve as pessoas num meio sonoro e as une como que através de um cordão vocal.

Para Vives (2021), ao fazer referência a Lacan (1975-1976) no seminário “O Sintoma”, a voz ressoa no corpo, e essa ressonância que põe o corpo em vibração é uma das manifestações do gozo ligado à voz; esse gozo²⁸ ligado à voz é observado nos lugares mais inusitados como, por exemplo, nos transbordamentos passionais das multidões nos shows de música pop. Para o autor, essa singularidade de gozar da voz é tal que o nosso próximo não encontrará em sua escuta as mesmas sensações que as nossas.

Vives (2021) nos diz que a voz não fez parte da lista estabelecida por Freud, que identificou essencialmente os objetos oral (seio), anal (as fezes) e fálcos (o falo). E que será preciso esperar até os anos 1960, com os trabalhos de Lacan, para que sejam introduzidos na dinâmica pulsional os objetos “olhar” – já comentado por Freud – e o objeto “voz”, propondo uma nova dialética das pulsões: o lado do objeto oral e do objeto anal, articulados com a demanda (objeto oral está associado à demanda ao outro, o objeto anal à demanda do outro). Lacan introduz o olhar e a voz, os quais concernem ambos ao desejo, onde o olhar está associado ao desejo ao outro e a voz ao desejo do outro.

Contudo, pouco a pouco a voz passará a ocupar um estatuto particular nos estudos de Lacan por seu laço estreito com o significante e com a fala; sobre a correlação que o autor faz entre linguística e psicanálise me ocuparei mais na seção que segue.

2.2 Psicanálise e linguística

A linguagem é um objeto de estudo que permeia diversas áreas do conhecimento, podendo ser considerada, assim, um tema essencial às ciências humanas. E isso não é diferente com a psicologia. As associações e questionamentos entre psicanálise e linguagem derivam da

²⁸ Ver nota 23.

Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud que, a partir de sua obra sobre afasia, inaugurou uma nova concepção sobre língua e linguagem.

No entanto, de acordo com Ferreira (2002), foi na década de 50 que a psicanálise passou a ser transformada em uma prática que tinha como finalidade a adaptação do sujeito ao meio social, desviando-se, assim, dos fundamentos de Freud (conceitos de inconsciente e a teoria da sexualidade). Será a partir daí que Lacan surge com uma nova proposta de reflexão, apoiado em uma nova ciência, a fim de reconduzir a psicanálise à fala e à linguagem.

Em função desta proposta, Lacan se apropria de vários conceitos linguísticos ao invés de importá-los. Para estruturar a psicanálise permeada de conceitos que vão além, Lacan irá se basear na ciência linguística, que teve sua gênese (a dita “linguística moderna”) através de estudos do linguista Ferdinand de Saussure, que trazia consigo novos conceitos linguísticos, tais como: *langue*, *parole*, significante, significado e signo.

Uma das primeiras apropriações que Lacan faz da teoria de Saussure diz respeito aos conceitos de *langue* e *parole*, correlacionando-os com seus conceitos de fala e linguagem.

Dentro da sua teoria, Saussure nos ensina que a linguagem se divide em dois campos distintos: o estudo da *langue* e o estudo da *parole*, sendo reservado à *langue* o lugar de objeto da ciência linguística. A *langue* é definida como “social em sua essência e independente do indivíduo” (SAUSSURE, 2012, p. 51) e seu estudo é “unicamente psíquico”. Para o linguista genebrino, “a língua não é considerada um objeto individual, mas se fundamenta em seu uso coletivo, na junção do todo” (SAUSSURE, 2012, p. 52), ou seja, cada sujeito com sua parte do todo.

Ferreira (2002), salienta que, além disso, a *langue* é registrada passivamente e não conscientemente, pois o indivíduo não se dá conta como adquire a *langue*, e nem como ela se estrutura, ele apenas faz uso dela. Será também pela *langue* que o indivíduo irá se inserir nas relações sociais linguísticas, pois sem ela ficaria impedido de se comunicar por meio de um sistema linguístico compartilhado.

A *parole*, por sua vez, é reconhecida por Saussure como um objeto secundário dentro dos interesses da ciência linguística. Ele afirma que ela é “a parte individual da linguagem, com caracteres psicofísicos servindo de base concreta da linguagem que é produzida pelo falante, a qual se assegura com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade” (SAUSSURE, 2012, p. 42).

Lacan se apropriou destes conceitos, porém renunciou à divisão entre *langue* e *parole*, visto que, “quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe apenas de um meio: a fala do paciente” (LACAN, 1998, p. 248). Vicenzi (2009) acrescenta que

a definição de fala como meio para cura ou, de modo mais geral, meio do método psicanalítico, explica a posição lacaniana de que a fala é por excelência o elemento material que o analista deve manejar no tratamento.

Já a definição saussuriana de *langue* influenciou Lacan sob o aspecto de estrutura, pois o conceito de linguagem é definido pelo autor como uma “estrutura que preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (LACAN, 1998, p. 498). Ou seja, para Lacan, a linguagem independe dos indivíduos, da mesma forma que o conceito saussuriano de *langue*. Além do mais, dentro da perspectiva lacaniana, a linguagem não se confunde com “as diversas funções somáticas e psíquicas [...] no sujeito falante” (LACAN, 1998, p. 498). Diante disto, é possível verificar que Lacan relaciona tais conceitos linguísticos de Saussure, adaptando *langue* e *parole* em sua própria visão, e propõe pensar a estrutura do inconsciente à moda da linguagem.

Para Saussure, a *langue* dentro do campo linguístico é constituída por um “sistema de signos” (SAUSSURE, 2012, p. 42); o signo é formado por dois elementos complementares: o significante e o significado – cujos componentes estão intimamente unidos, e um reclama o outro. O signo tem natureza psíquica (abstrata) e é a união do conceito e da imagem acústica, ou seja, do significado e do significante. Pode-se entender como significado o sentido, o conceito ou mesmo a ideia de algo, ele seria sua representação mental. Já o significante pode ser entendido como imagem acústica, que “[...] não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (SAUSSURE, 2012, p. 106). É possível dizer que o significante é a parte perceptível do signo e o significado a parte inteligível.

Conforme Aires (2005), Lacan propõe inicialmente duas modificações na concepção de signo proposto por Saussure: a) uma representação do signo linguístico em que significante e significado não tem pressuposições recíprocas, e b) uma inversão na representação espacial dos dois elementos, de modo a ressaltar a superioridade do significante sobre o significado. A linha que relaciona significante e significado na representação de Saussure do signo toma para Lacan o caráter de barra, separação que possibilita a circulação desses elementos de modo autônomo, mas que resiste à relação entre eles: o significante relaciona-se com outros significantes, não representando o significado.

De acordo com Milmann (2003) quando a barra que unia o signo saussuriano em Lacan instaura o corte, leva a operação recair sobre o significante. Esta barra ainda separa, mas pode

ser atravessada na metáfora²⁹. O significante não é mais um elemento do signo, é um significante sem significações. No discurso, os significantes podem mudar de significado, trazendo a ideia de deslizamento; a cadeia significante dirige a trajetória da subjetividade, na qual os significantes operam em oposição como pura diferença, sendo preciso ao menos dois deles para produzir efeito de sentido. Com relação ao signo e seus significantes e significados, Lacan eleva a posição do Significante em relação ao significado (S/s), fazendo com que esta teoria assumira papel importante dentro da psicanálise, funcionando para o terapeuta de maneira muito significativa dentro do processo de interpretação.

Como refere Vicenzi (2009) citando Arrivé, embora haja em Lacan, ainda que de forma marginal, uma teoria do signo, não há articulação entre ela e o significante, a ponto de ser impossível, a exemplo da teoria lacaniana, dizer que o significante é um signo. Logo, o signo lacaniano é fundamentalmente diferente do signo saussuriano. Muito embora Lacan tenha se baseado na linguística e em seus elementos para desenvolver seus conceitos.

2.3 Psicanálise e escuta

De acordo com Macedo & Falcão (2005), com o advento da psicanálise, Freud inaugura novos tempos: o tempo da palavra como forma de acesso por parte do homem ao desconhecido em si mesmo e o tempo da escuta que ressalta a singularidade de sentidos da palavra enunciada. Para estes autores, Freud ocupa-se em seus trabalhos, teóricos e clínicos, de palavras “[...]que evidenciam a existência de um outro-interno, mas que também proporcionam vias de contato com um outro-externo quando qualificadas na sua escuta” (MACEDO & FALCÃO, 2005, p. 65). Esses tempos em Freud inauguram a singularidade de uma situação de comunicação entre paciente e analista. Onde um irá chegar com palavras que demandam um desejo de ser escutado e compreendido, e o outro que escuta as palavras que servirão de acesso ao desconhecido que habita o paciente, o que torna o contexto analítico, uma situação de comunicação do desejo e da necessidade de ser escutado.

Mesmo Freud tendo sido médico, ele se mostrou insatisfeito com certas condutas da época para sua profissão. Ele propunha a todo tempo, e desde o início da sua experiência clínica, que o paciente fosse escutado, mesmo antes de fundar a psicanálise, demarcando a importância do papel que atribuía à palavra.

²⁹ É importante fazer aqui uma observação: ao referenciar Milmann (2003), trata-se da noção de metáfora do ponto de vista psicanalítico e não linguístico.

Como já mencionamos antes, Freud em seus estudos sobre a histeria, ao se colocar em posição de "escutador" de um corpo que está falando, e ao dar cada vez mais espaço à esta escuta no contato com seus pacientes, pode constituir tanto um novo ramo do conhecimento, como um método terapêutico.

Macedo & Falcão (2005) apontam que partindo dessa ideia de escuta, dois trabalhos se impõem: “[...]o de escutar a palavra do outro e o de produzir palavras que viessem ao encontro dessa demanda de ajuda[...]” (MACEDO & FALCÃO, 2005, p. 67). Para os autores, é importante demarcar que, desde os tempos iniciais, uma característica essencial da psicanálise como método e técnica é: “[...] estar aberta à singularidade do outro que fala, seja na dimensão referente ao sofrimento e pedido de ajuda, seja no que diz respeito ao efeito de sua ação terapêutica sobre ele” (MACEDO & FALCÃO, 2005, p. 67). Pois, será

[...] por meio das narrativas ativas de um sujeito acordado, de seu discurso cheio de lacunas, da presença e ausência da palavra que o paciente passa a ser escutado. Ao retirar a palavra do que a nosografia diz sobre o paciente, Freud entrega a palavra ao próprio paciente para que ele fale sobre si mesmo. Surge então a psicanálise, marcada pelo convite a que o analisando, em uma posição ativa diante de seu processo de cura, comunique-se e associe livremente (MACEDO & FALCÃO, 2005, p. 68).

Segundo os autores, ao introduzir o conceito de inconsciente em sua obra, Freud deslocará a fala até um outro lugar, muito além da intenção consciente de comunicar algo; para ele, ao falar o sujeito irá comunicar algo:

[...]ao falar, o sujeito comunica muito mais do que aquilo a que inicialmente se propôs. O inconsciente busca ser escutado e ter seus desejos satisfeitos, comunicando-se por meio de complexas formações: sonhos, sintomas, lapsos, chistes, atos-falhos; fenômenos que apontam para esse “desconhecido” que habita o sujeito. E assim abre-se na palavra a dimensão do que escapa ao próprio enunciante (MACEDO & FALCÃO, 2005, p. 67).

Freud, ao escrever sobre “falhas” que operam no discurso (como palavras esquecidas, trocadas, suprimidas, equivocadas), diz que o inconsciente se mantém operante não somente ao dormir, mas também quando o sujeito está em estado de vigília, mantendo-se produtivo não somente pela falha, mas também como um criador de “novidades”. Assim, à medida que Freud vai se ocupando das psicopatologias cotidianas, a associação livre vai ganhando espaço fundamental, considerando que a análise dos fenômenos psicológicos só irá se mostrar possível por meio dela, exigindo do analista uma capacidade de escuta que não reduza os espaços simbólicos que ela viabiliza. Cabendo ao paciente comunicar algo que lhe pareça insignificante, vergonhoso ou doloroso, e ao analista escutar o paciente sem julgá-lo. Assim, instaura-se o que

Macedo & Falcão (2005) chamam de situação analítica, que irá oportunizar o desenvolvimento da palavra.

Nestes primeiros tempos da psicanálise, Freud apresenta o aparelho psíquico dentro de um modelo tópico, composto de três “lugares” – consciente, pré-consciente e inconsciente –, que se organizam em dois sistemas, com princípios reguladores e de funcionamento completamente distintos. Esses construtos teóricos sustentam uma técnica psicanalítica, a qual designa ao analista o trabalho de tornar consciente o inconsciente. O analista atua como um decifrador, que com seus recursos técnicos é capaz de traduzir e revelar ao sujeito seus desejos, fornecendo-lhe sentido desconhecido. A escuta analítica, sob este preceito técnico de tornar consciente o inconsciente, fica revestida de um saber e de um poder, ou utilizando a expressão lacaniana, o analista fica em um lugar de sujeito do suposto saber. Lugar que quando delegado pelo paciente pode, nos momentos iniciais da análise, auxiliar que palavras sejam enunciadas a esse outro, visto pelo paciente como possuidor de um saber pleno e absoluto. Entretanto, na medida em que o processo avança, cabe ao analista a recusa da ocupação desse lugar. A condução do processo analítico deve possibilitar a descoberta, por parte do paciente, de que ele é quem sabe de si: um saber que é patrimônio de um território desconhecido de si mesmo. Para alcançá-lo, além de ser escutado, o paciente deverá escutar-se. É somente ao assumir a posição de quem não sabe a respeito de quem chega com uma demanda de ajuda que o analista poderá efetivamente exercitar a escuta analítica (MACEDO & FALCÃO, 2005, p. 69).

Com a evolução e avanços da psicanálise, o mesmo aconteceu com a escuta psicanalítica, que se transformou e ampliou-se radicalmente, a partir da qual função do analista deixa de ser o papel daquele que recupera uma história, mas passa para aquele que possibilita simbolizações estruturantes. Neste sentido, de acordo com Macedo & Falcão (2005), a transferência, ganha também um lugar privilegiado no trabalho psicanalítico, no qual a palavra dirigida ao analista terá que ser remetida às suas determinações originais, tornando evidente o valor da história única e singular dos sujeitos. De acordo com os autores, talvez aí se faça presente com mais clareza o que está além da palavra escutada.

Em “Análise terminável interminável”, Freud (1937) aponta o efeito da escuta no campo analítico, no qual a análise seria um processo terminável quando se refere ao uso da capacidade de escuta do analista, e interminável no que se refere à capacidade adquirida pelo paciente de escutar-se; o processo analítico, a partir da escuta do analista, compreenderia a instrumentalização da escuta do analisado em relação a si mesmo.

Para Macedo & Falcão (2005), é importante considerar o psiquismo um sistema aberto, lembrando que ele produz e reproduz continuamente efeitos de uma história, que implica colocar a escuta em um campo intersubjetivo, ou seja, no campo da transferência³⁰. Será a

³⁰ Na psicanálise, a transferência é um fenômeno que ocorre na relação entre o paciente e o terapeuta, quando o desejo do paciente irá se apresentar atualizado, com uma repetição dos modelos infantis, as

capacidade de escuta do analista que garantirá a assimetria necessária ao processo. Escuta essa que manterá a transferência, sem se confundir com ela, não cedendo ao chamado constante do paciente.

Pensar o sujeito como um sistema aberto à intersubjetividade, não somente no passado, senão na atualidade, exige refletir sobre as tramas relacionais e seus efeitos constitutivos da subjetividade” (HORNSTEIN, 2003, p. 97). O que é da ordem da relação ganha destaque, acima de tudo a partir de seus efeitos sobre o sujeito, uma vez que esta concepção de psiquismo como sistema aberto pressupõe um permanente intercâmbio e uma complexa rede de inter-relações entre sujeito e objeto (MACEDO & FALCÃO, 2005, p. 71).

Ao olharmos para a importância dada pelo analista às palavras, acabamos também por demarcar o papel fundamental da escuta no processo analítico. De fato, a escuta em psicanálise encontra seu dinamismo na capacidade do analista em reconhecer o valor e a necessidade de ser ele próprio escutado, promovendo uma capacidade de estar fora do domínio da rigidez ou padronização, o que acaba por viabilizar o acesso à escuta do outro.

2.4 Voz e a clínica psicanalítica

Ao iniciar essa seção sobre a clínica psicanalítica, é importante relembrar que, de acordo com Caldas (2007), o privilégio concedido à escuta do paciente, em que sua fala se sobrepõe ao saber do clínico, foi não só uma inovação no papel concedido à voz, como também o que inaugurou e estabeleceu a prática psicanalítica como tal. No que diz respeito à voz, “[...]o fato de Freud ter se calado possibilitou a emergência da voz da paciente, isto é, ofereceu a esta o enigma de um silêncio necessário para que seus ditos pudessem modular um dizer” (CALDAS, 2007, p. 129).

De acordo com Caldas (2007), com o advento da clínica psicanalítica, o olhar também sofreu uma torção no momento inaugural da psicanálise, uma vez que o uso do divã levou à sua subtração para instaurar um dispositivo de escuta e transformar a voz do paciente em seu centro de gravidade.

Para a autora também não devemos esquecer que a voz ainda é um campo pouco explorado, provavelmente em razão de sua inserção na fala que, ao contrário, possui uma produção teórica mais extensa. “A voz, em psicanálise, quase sempre, é mencionada como

figuras parentais e seus substitutos serão transpostas para o analista, e assim sentimentos, desejos, impressões dos primeiros vínculos afetivos serão vivenciados e sentidos na atualidade. O manuseio da transferência é a parte mais importante da técnica de análise (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 514).

sintoma, como na afonia [...] ou em manifestações da voz do supereu, aparecendo apenas em alguns pequenos relatos como objeto” (CALDAS, 2007, p. 130).

Caldas (2007), ao fazer referência sobre a voz na clínica psicanalítica, nos diz que, como um sistema lexical regulado pela gramática, a linguagem poderia existir sem a presença corporal do falante. “Essa abstração radical daquele que fala levou a linguística estrutural a forjar o conceito de língua: um sistema abstrato, incorpóreo, que existe pela dedução lógica das regras e constantes de um conjunto de falas (SAUSSURE, 1916)” (CALDAS, 2007, p. 142).

De acordo com a autora, para a psicanálise, a retomada do corpo falante não permite a abstração da fala, pois valoriza o material concreto dela. Na clínica, tudo, inclusive o silêncio, passa pela fala, “nela, há um ser falante que habita a linguagem e é habitado por ela” (CALDAS, 2007, p. 142). Seria por este motivo que a experiência psicanalítica requer a presença física tanto do analisando quanto do analista. Segundo ela, uma análise não pode ser feita por carta ou pela internet porque, na transposição da fala para a escrita, seja no papel ou na tela, ela descartaria o corpo, perdendo seu efeito vivo e real.³¹

Quando Caldas (2007) refere o corpo como um efeito vivo e real dentro do contexto analítico, é importante aqui destacar que com o passar dos anos e com os avanços tecnológicos, que permitem ao humano interagir de forma tanto física quanto virtual, muitos conceitos foram se tornando obsoletos, ao passo que foram sendo desenvolvidas e atualizadas as noções de escrita, identidade e distância. De acordo com Bittencourt et al. (2020), dentre essas mudanças pode-se pensar que o conceito de corpo também adquiriu um novo olhar no mundo contemporâneo, visto as transformações na interação e diferenças entre as formas de se estar presente. De acordo com os autores, o corpo dessa nova sociedade que se apresenta, chamada de rede, é mais complexo, constituído por meio de um compilado de dados pessoais que não se opõem ao real, porém, interligam as sensações do ciberespaço e facilitam a comunicação e experimentação dos outros “eus” e outras maneiras de ser no mundo. A partir disso, dá-se lugar a outras representações de emoção e descobertas deste “eu”. Segundo Bittencourt et al. (2020), os significados atribuídos ao virtual e ao real são amplamente discutidos por Pierre Lévy (1996) em seu livro “O que é virtual”. De acordo com os autores, os campos que compreendem o real

³¹ A partir de Caldas (2007), com o passar dos anos e evolução das tecnologias, alguns conceitos teóricos se tornaram ultrapassados, especialmente ao que se refere a presença de um corpo material que precisa se fazer presente para que a terapia tenha efeito. Já há alguns anos esses novos conceitos e modalidades vinham sendo repensados, com o agravamento da pandemia da COVID-19 eles se intensificaram, comprovando que hoje é possível que tenhamos efeitos sendo produzidos somente a partir de um corpo virtual e sua voz. Na experiência com a leitura em voz alta também foi possível perceber o quanto essa voz, sem um corpo material, ganhou potência tanto nas discussões que seguem a leitura, como nos momentos de ler em voz alta.

e o virtual apresentam potenciais diferentes, mas ambos possuem a capacidade de se atualizarem através do tempo.

Retomando os apontamentos de Caldas (2007), a autora dirá que a experiência analítica não pode renunciar à voz, considerada no simbólico como índice de subjetividade e sintoma no endereçamento ao outro. É sobretudo como defesa que a voz parece ter a função de desafiar os ditos, de forma a não sair do plano do sentido e da organização do pensamento.

Feitas as considerações anteriores, onde se destacou a importância da voz e da escuta para a constituição não apenas da clínica psicanalítica, mas como da psicanálise enquanto ciência, cabe destacar que ao seguir falando sobre a clínica, não me deterei em conceitos que remetem à clínica individual, aquela que compreende o analisando e analista, pois muitos destes conceitos já foram discutidos em outras seções deste capítulo. Neste ponto, me ocuparei de outra modalidade de intervenção psicológica – os grupos – considerando que esta modalidade dialoga diretamente com a atividade de leitura em voz alta compartilhada, objeto de estudo desta dissertação.

2.5 O trabalho com grupos dentro da clínica psicológica

De acordo com Bleger (1998), um grupo pode ser definido como um conjunto de indivíduos que interagem entre si compartilhando certas normas em uma tarefa. No entanto, Osório (2003) prefere utilizar o termo “sistema humano” ao referir as atividades em grupo. Para o autor, este sistema seria todo aquele conjunto de pessoas capazes de se reconhecer em sua singularidade e que estão exercendo alguma ação interativa com objetivos compartilhados.

De uma maneira mais ampla, os grupos seriam arranjos sociais de relação entre indivíduos e sua totalidade social, que se vinculam entre sociedade e o indivíduo. Para Fonseca (*apud* COSTA et al., 2018, p. 62) os “grupos são instâncias intermediárias que articulam a relação do indivíduo com a totalidade social, servindo como elementos de mediação”.

Para Grossi & Bordin (1992) existem dois grandes grupos, sendo o primeiro aquele que se refere à família, o segundo relacionado mais ao meio social, como grupos de trabalho, estudos etc. Nestes grupos, o sujeito ocupa um papel e lugar, no qual exercerá sua coletividade e constituirá uma identidade. Os autores advertem que mesmo pertencendo a um grupo estabelecido com regras e normas, que viabilizam o processo de relações, cada integrante acaba também por imprimir uma identidade sobre o grupo, seja pela forma de se comportar, agir ou mesmo de se expressar, o que irá contribuir para o que os autores consideram uma “ampliação do conhecimento do grupo” a que o sujeito pertence.

Pichon-Riviére (2009) atribui ao vínculo a importância fundamental para a compreensão do grupo. Pois, de acordo com o autor, sem o vínculo não teríamos grupos, mas apenas um agrupamento de pessoas. O autor complementa essa ideia ao dizer que, à medida em que o indivíduo vai se constituindo, o grupo também vai se fortalecendo. Caracterizando, assim, o grupo como um agente de mudança e transformação, devido ao vínculo estabelecido.

De acordo com Costa et al. (2018), o que é essencial na teoria dos grupos é “aprender a aprender”, e ao fazerem referência à obra “Fundamentos básicos da grupoterapia”, de Zimmerman (1993), dizem que mais importante do que encher a cabeça de conhecimentos é formar cabeças. Para tanto, são inúmeros os formatos e trabalhos através de grupos, sendo que, muitas vezes, sob diferentes nomenclaturas, designam formas de operar semelhantes.

Para esse objetivo, é importante que se entenda a constituição de diversas modalidades no que se refere ao trabalho com grupos. De acordo com Costa et al. (2018) na obra “Grupos e configurações vinculares”, de Fernandes (2003), os grupos são classificados de forma didática ao agrupá-los na tabela reportada a seguir.

Tabela I - Classificação do trabalho grupal	Tabela II - classificação do trabalho grupal	Tabela III - Classificação de trabalho grupal
Idade - crianças, adolescentes, adultos, idosos.	Grupos com finalidades operativas.	Grupos com finalidades terapêuticas.
Ambiente de trabalho - privado (não institucional) consultórios, aulas particulares em grupo, etc. Empresas, escolas, hospitais, psicoterapia de casal/público/privado (particular).	Grupos de discussão (congressos e jornadas).	Psicoterapia psicodinâmica de grupo/Psicoterapia analítica de grupo/Grupanálise/Psicanálise de grupo/Outros.
Configurações vinculares - Orientação familiar/Intervenção institucional/Outros grupos.	Grupos temáticos (textos, temas).	Grupoterapia breve psicanalítica.
Abordagens de acordo com o vínculo comunicacional (técnica) - Pelo grupo/Em grupo/Do grupo/De grupo.	Grupos de orientação (gestantes, diabéticos, hipertensos, alcoolistas/AA, etc.).	Grupos de diagnóstico.
Finalidades - Operativas terapêuticas.	Grupos comunitários (idem ao anterior).	Grupos de Acolhimento.
	Grupos Balint (discussão de casos em equipe).	Grupos de sala de espera.
	Grupos operativos (escolas, empresas, hospitais).	Grupos de pacientes internados, hospital geral/Hospital psiquiátrico/Comunidade terapêutica/Centros de reabilitação/Hospitais dia.
	Grupos de reflexão (sociedades que congregam profissionais que trabalham com grupos, institutos de formação-ensino psi, universidades, vivências em congressos).	Psicoterapia de grupo familiar.
		Psicoterapia de casal.
		Psicanálise dos vínculos/psicanálise do casal, da família, de grupos propriamente ditos e de instituições.
		Grupoterapia com pacientes somáticos/Grupos de pacientes com dor crônica, HIV +, hipertensos e outros.
		Grupos de autoajuda (com terapeuta sem formação completa).
Fonte: FERNANDES apud COSTA et al., 2018, p.64-65.		

Quadro 2 – Classificação do trabalho grupal

Como é possível verificar no quadro acima, são inúmeras as possibilidades de trabalho com grupos, muitos se fundam dentro da teoria psicanalítica, outros derivam de suas vertentes; no entanto, é importante pontuar que cada um irá servir a algum propósito diferente dentro da sua concepção.

De acordo com Costa et al. (2018), nos grupos operativos “o processo comunicativo vincular poderá ser aprimorado por meio de treinamento adequado, visando a aperfeiçoar a execução das tarefas” (FERNANDES *apud* COSTA et al., 2018, p. 66). Os autores, ao falarem sobre o processo de diferenciação entre os grupos operativos e grupos terapêuticos, concluem que se trata de uma tarefa difícil, uma vez que os grupos operativos também podem adquirir caráter terapêutico para seus usuários, embora a proposta inicial não seja esta.

Segundo Costa et al. (2018) existem duas estruturas diferentes de grupos, os terapêuticos e os grupos institucionais. Os grupos institucionais se destinam à sensibilização, desenvolvimento individual, interpessoal, administração de conflitos; o foco está voltado aos fenômenos de poder, comunicação entre membros do grupo etc. Já os grupos terapêuticos são estruturados pelo facilitador, podendo serem abertos, ou seja, com a saída de algum dos membros do grupo, outro participante pode ser inserido, ou fechados, em que há desde o contrato grupal a impossibilidade de entrada de novos participantes, onde todos devem permanecer; vários critérios também podem ser utilizados para sua construção, desde os mais gerais, como: idade, sexo, profissão, etc. até os mais pontuais como finalidade do grupo, temas a serem discutidos, etc.

Para finalizar, cabe pontuar que o objetivo aqui não foi fazer uma revisão longa sobre uma abordagem acerca das terapias de grupo, considerando a grande extensão do tema, mas apenas trazer uma luz sobre as diferentes possibilidades, a partir do campo da psicologia. Cabe ainda destacar que os diferentes nomes adotados para estas modalidades grupais estão vinculados aos objetivos específicos de cada uma delas e aos cuidados necessários ao coordenador, apesar de em todas elas existir a possibilidade de discussão, de reflexão, o surgimento ou o enfoque em um ou mais temas e, principalmente, a importância de que ocorra entre seus participantes a possibilidade de conviver, compartilhar e aprender junto.

Por isso, para fechar este capítulo é importante considerar que, dentro desta perspectiva de conviver, compartilhar e aprender que serve de base para os trabalhos grupais, e que também serve de pilar para a leitura em voz alta compartilhada (ou em grupo), mesmo que esta não se proponha ser um dispositivo baseado em metodologias como são os grupos terapêuticos por exemplo, muitos resultados são produzidos a partir de tal interação grupal.

Assim sendo, no próximo capítulo, ocupar-me-ei mais especificamente da leitura em voz e dos resultados que ela produz a partir das leituras e discussões do grupo.

3 Leitura em voz alta e produção de subjetividade

A arte é uma expressão da vida, de como nos sentimos em relação a algo, ou alguém, seja através do nosso olhar, seja de um narrador/intérprete qualquer. Mais do que nunca, essa arte se torna essencial para que possamos manter nossa saúde mental e a vida. É ela que nos proporciona estabelecer conexões entre humanos. Quando assistimos a um filme, a uma peça de teatro ou lemos um livro, essa experiência nos convida a refletir e interagir a partir das nossas vivências e subjetividades, sejam elas quais forem, ou até mesmo a inexistência delas, proporcionando, assim, a criação de novos conteúdos e significados.

A literatura é uma ferramenta muito poderosa para produção de cuidado, inclusive em saúde mental. Orofino (2020), em sua tese de doutorado, na qual aborda a questão da literatura como intervenção no campo da saúde, ressalta a potência do uso da literatura como ação de partilhar sentidos, criações e sensibilidades no encontro de diferentes. Reunindo pessoas de outro modo, é possível eliminar a repressão da fala e de produzir experiências estéticas transformadoras. Orofino (2020), ao citar a obra “Ler o Mundo” da autora Michèle Petit, refere que apesar da leitura não nos transformar em escritores, ela potencializa nossa capacidade de expor nossas palavras, e a sermos mais autores das nossas vidas.

Megan Cox Gurdon em seu livro *“The enchanted hour: the miraculous power of reading aloud in the age of distraction”*, publicado em 2019, adverte que em uma cultura como a nossa, que está passando por aquilo que ela nomeia como “a grande desconexão” (GURDON, 2019, p. 09), onde muitos de nós está lutando contra os efeitos das telas e dispositivos, que ao mesmo tempo que melhoram nossas vidas, dificultam a concentração e a retenção do que vemos e lemos, torna também assustadoramente fácil estar “meio presente”, inclusive na vida das pessoas que amamos.

Neste mesmo livro, Gurdon (2019) traz a leitura em voz alta como uma alternativa ao combate a esta “desconexão”; o momento que passamos lendo em voz alta não é como nenhum outro, este momento seria como uma alquimia, capaz de converter coisas comuns, tais como livros, lugares e o tempo, em combustível para o coração, mente e imaginação. E afirma que nesta era “distraída”, é preciso mudar nossa compreensão do que é ler em voz alta, e o que ela pode fazer. “Ela precisa ser reconhecida como um ato deslumbrantemente transformador e até mesmo contracultural” (GURDON, 2019 p. 10), pois devemos considerar que para as crianças essa experiência, além de estimular as redes cerebrais, proporciona uma ampliação das experiências sociais, cultiva a empatia, e acelera a aquisição da linguagem. Gurdon adverte,

ainda, que não podemos relegar os benefícios da leitura em voz alta apenas ao reino da infância, isso seria um erro, uma vez que adolescentes e adultos que desfrutam dessa experiência também se beneficiam de forma intelectual, emocional, literária, e até mesmo espiritual.

Assim como Gurdon, outra autora, Milano (2020) também propõe a leitura em voz alta compartilhada como uma forma de resistir à desconexão que se faz presente em nossa sociedade. Transcrevo a seguir o trecho final do texto “Leitura em Voz Alta Compartilhada: a alteridade como espaço de escuta”, que corrobora as ideias de Gurdon (2019).

Leitura em voz alta compartilhada é quase um gesto de resistência ao ritmo louco e apressado que nos impede de construir redes. O que percebo é que temos vivenciado o compartilhamento da voz e da escuta de forma solidária, e isso expande uma necessidade de se estar junto para prosseguir na travessia. Além disso, escutar o outro tem significado também ser suporte para que a voz dele tenha tanto espaço de escuta quanto a minha, ou seja, creio que essa construção coletiva de interpretação de uma obra literária funciona também como uma metáfora de um jeito menos individualista de se estar no mundo (MILANO, 2020, p. 39).

A história das práticas culturais e da leitura, em particular, nos permite ter uma visão da complexidade que apresentam os atos de leitura. E a leitura em voz alta, que foi até meados do século XIX um sistema de leitura muito difundido por toda Europa, reduziu-se pouco a pouco a utilizações religiosas e escolares.

Segundo Manguel, os primeiros regulamentos exigindo que os escribas ficassem em silêncio datam século IX. Até então, haviam trabalhado com ditados ou lendo para si mesmos, em voz alta, o texto que estavam copiando. “Ninguém pode saber que esforços são exigidos. Três dedos escrevem, dois olhos veem. Uma língua fala, o corpo inteiro labuta” (Um escriba anônimo citado por MANGUEL, 2021, p. 69).

Para Manguel, a leitura em voz alta com outra pessoa na sala implicava compartilhar a leitura, deliberadamente ou não. Talvez esteja aí uma das razões da prática de leitura em voz alta ter sido silenciada pouco a pouco. O autor ainda faz referência à leitura solitária de Santo Ambrósio, citando uma fala de Santo Agostinho, que julgou especulativa:

Talvez ele tivesse medo de que, se lesse em voz alta, algum trecho difícil do autor que estivesse lendo poderia suscitar uma indagação na mente de um ouvinte atento, e ele teria então de explicar o significado da passagem ou mesmo discutir sobre alguns dos pontos mais abstrusos (SANTO AGOSTINHO *apud* MANGUEL, 2021, p. 70).

No entanto, percebemos que atualmente existe um retorno à prática da leitura em voz alta, concebida de uma forma diferente da leitura escolar repetitiva, voltada ao caráter de convivência e socialização, caráter este que a leitura em si nunca chegou a perder.

Jean (1999) faz a seguinte referência sobre leitura em voz alta:

Penso que a leitura em voz alta reaprendida e bem conduzida, ao acompanhar a leitura com a presença física, sensual de uma voz humana (viva), ou seja, corporalmente viva e fecunda, voltará a dar todo o seu precioso sentido aos leitores solitários e silenciosos. Ler em voz alta é, além disso, um prazer para o leitor e para aqueles que o escutam; prazer sutil de dar a entender um texto de que se gosta, e para os ouvintes, prazer de povoar de sonhos e de conotações pessoais o texto compreendido; mais intimamente ainda prazer de saber que esta leitura assim iniciada terá no ato íntimo de ler com os olhos, para si, uma música secreta que o acompanhará. Ler em voz alta pode, deste modo, tornar-se uma forte incitação para fazer da leitura uma arma, e dos livros essas “munições” [...] (JEAN, 1999, p. 20).

Assim sendo, será a partir destas inúmeras facetas que a leitura em voz alta apresenta, e que aqui foram introduzidas de forma breve através das ideias do que ela representa para autores como Gurdon (2019), Milano (2020), Jean (1999), que dedicarei os estudos deste capítulo.

3.1 A leitura e a escrita

Alberto Manguel (2021) em “Uma história da leitura” inicia o capítulo sobre o aprendizado da leitura com a seguinte observação:

ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de carregar na mente bibliotecas íntimas de palavras lembradas são aptidões espantosas que adquirimos por meios incertos. Todavia, antes que estas aptidões possam ser adquiridas, o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras, o leitor precisa aprender a ler (MANGUEL, 2021, p. 85).

Jean (1999), em seu livro sobre a leitura em voz alta, nos adverte que ler não consiste simplesmente em assinalar os signos escritos/visuais que fazem sentido. Trata-se também de pronunciar os sons transcritos, nem que seja apenas para comunicar aquilo que de fato poderia dizer o escrito. Segundo ele, atualmente temos conhecimento de que as primeiras escritas, a exemplo das escritas cuneiforme, hieroglífica e a chinesa surgidas entre o IV e o II milênio a.C., eram constituídas não só por pictogramas, ideogramas e determinantes³², mas também por fonogramas, ou seja, por signos que transcrevem sons próprios da língua, que representavam graficamente a escrita. Champollion, citado por Jean (1999), diz que uma das descobertas em

³² Determinantes ou determinantes fonéticos são uma série de símbolos (estima-se esse número entre 1.000 e 6.000 indicadores) que funcionam como uma tentativa de impor uma ordem na massa extremamente heterogênea dos caracteres chineses. Informação disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/56147/56147_5.PDF

relação à escrita hieroglífica foi justamente compreender que certos signos haviam perdido o seu valor de representatividade das coisas, dos seres, das noções para figurar fonemas.

Orlandi (2008) nos mostra que definir a leitura como uma prática discursiva e localizá-la como uma das práticas languageiras, seria pensar a linguagem para além da língua, ou seja, a posição que o sujeito se coloca no uso da língua. Assim, a autora remete o conceito de leitura a um ponto em que toma a linguagem em seu potencial expressivo estruturante e subjetivante, e não a reduz a um caráter utilitário, instrumental, simplesmente comunicativo.

“Para se ler um texto é preciso, antes de tudo, decifrar o que está escrito” (CAGLIARI *apud* PASTORELLO, 2015, p. 30). Esse processo não busca encontrar o que é falado naquilo que é escrito, mas uma articulação entre o oral e o escrito num sistema linguístico-discursivo. Portanto, pensar a leitura como um processo de construção de sentidos implica delegar ao leitor certa autonomia em relação à percepção da escrita, onde a leitura envolve uma subjetivação do texto.

É necessário dar à leitura o estatuto de prática criadora, inventiva, produtora e não anulá-la ao texto lido, como se o sentido desejado pelo autor devesse se inscrever com toda a imediatez e transparência, sem resistência nem desvio, no espírito de seus leitores (CHARTIER *apud* PASTORELLO, 2015, p. 30-31).

Nesta mesma direção, Lucila Pastorello defende que o leitor não deve procurar o sentido desejado pelo autor, mas, a partir da articulação dos sentidos produzidos pelas sequências, dar um sentido do conjunto ao lido; a leitura, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação entre texto e leitor. Segundo ela, a leitura e a escrita envolvem processos indissociáveis, e para sustentar esta ideia transcreve um trecho de Hatoum citado por Mindlin (2007) em “Um Saber Sustentável”: “Quem lê está ao mesmo tempo, e de certa forma escrevendo” (MINDLIN *apud* PASTORELLO, 2015, p. 33).

Segundo Manguel (2021), a primeira inscrição, o primeiro traço da escrita, fez nascer ao mesmo tempo a escrita e o leitor, muito embora leitura e escrita mantenham especificidades como atividades, e constituem um processo que é ao mesmo tempo simbólico, cultural e subjetivante. Alguém só escreve porque alguém lê. Esta possibilidade de leitura está para muitos autores na motivação da escrita, o que implica, de acordo com Pastorello (2015, p. 33) “uma anterioridade da leitura em relação à escrita: faz-se traço porque ele pode ser reconhecido”.

Pastorello (2015) cita autores como Barthes e Marty (1987) em “Oral/Escreto”, e Rego (2006) em “Traço, Letra, Escrita” que, segundo ela, colocam a leitura como anterior à escrita. Entretanto, assim como Pastorello, entrar nesta discussão neste momento nos distanciará muito

da temática inicial da presente dissertação. Sendo assim, corroboro Manguel (2021), para quem a leitura e escrita são elementos concomitantes. No entanto, Pastorello (2015, p. 34, grifo da autora) ressalta que: “[...]parece ser possível afirmar uma anterioridade da ‘possibilidade de leitura’: se eu posso ler traços, marcas, algum semelhante poderá também fazê-lo. Neste sentido, **a escrita comportaria um ‘depois do ato de escrever’: a suposição**”.

Sobre essa questão da suposição, Pastorello (2015) defende que o registro é sempre endereçado a alguém, mesmo que em algumas situações o leitor coincida com aquele que escreve (como, por exemplo, em uma lista, na qual o registro é puramente mnêmico). Da mesma forma, quem pratica a leitura, lê alguém. Ler, escrever, ou até mesmo ouvir alguém lendo envolve, portanto, uma experiência de alteridade.

Barthes (2004) afirma que o escritor vive um dilema, no qual seu texto existe apenas conforme alguém o lê e, paradoxalmente, se lido, o texto sofre uma transformação, criando-se um texto pela interpretação do leitor. O que estaria em jogo aqui seria a dimensão autoral que tem a leitura, na medida que o sentido do texto é dado na interação autor/leitor.

Pastorello se vale da obra de Wolfgang Iser ao citar: “para o autor, a leitura é um processo de interação entre leitor e texto” (PASTORELLO, 2015, p. 35), ou seja, esse processo é determinado por algumas condições, tais como um leitor implícito que vai seguir marcas interpretantes, os “lugares vazios” e as “potências de negação”. De acordo com a autora, seriam essas duas instâncias, presentes no texto, que irão organizar a interação leitor/texto, determinando a recepção do texto e sua atualização como obra e comunicação.

De acordo com Pastorello, Iser marca a diferença entre a comunicação como se dá na interação diádica (face a face) e na escrita, onde na interação face a face os interlocutores podem negociar sentidos através da interação mútua (perguntas, comentários etc.), o que acaba por não acontecer na leitura. Esta relação entre o leitor e o texto precisa de referências, que serão dadas a partir da interação pessoal do leitor com o texto, o que caracterizaria uma interação assimétrica, por assim dizer, comportando uma necessidade de referências mútuas, que servirão de estímulo para a interação produtora de sentido. E conforme os “lugares vazios” vão sendo ocupados, e novos “lugares silenciosos” vão surgindo no decorrer do texto, a assimetria vai sendo dissolvida, o que vai provocando no leitor novas conexões e arranjos entre elementos do texto, transformando o texto em um local onde o leitor age.

3.1.1 Considerações sobre a leitura e a escrita

A partir das considerações feitas nesta seção do texto, abordo a *leitura como uma prática discursiva, um processo de produção de subjetividade*, em que a leitura, longe de ser uma prática de recepção passiva, apresenta-se como uma prática interativa entre o texto e o leitor; passo, também, pela *leitura e escrita como processos indissociáveis*, na qual o processo de escrita é sempre endereçado a alguém, não sendo possível conceber a leitura sem escrita, ou vice-versa. Não seria possível finalizar esta seção sem lembrar de um importante ensinamento de Freud, citado por Pastorello (2015, p. 37): “o que se diz sobre o corpo, se diz com palavras, sendo impossível dissociar corpo e linguagem”. Assim sendo, acompanhando também a posição de Zumthor, é possível afirmar que o corpo seria uma construção a partir de diferentes territórios.

Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser, é ele que eu vivo, possuo e sou para o melhor e o pior (ZUMTHOR, 2018, p. 25).

É preciso lembrar que também o texto possui um corpo, uma matéria que é constituída em parte pela organização discursiva, e em parte pela sua apresentação e sua forma. Na leitura, atuam o corpo daquele que lê e o corpo do escrito.

Não me ocuparei aqui em fazer um aprofundamento no que diz respeito às questões do corpo que concernem a leitura, no entanto é importante ressaltar que as considerações, feitas neste momento servem para a identificação da noção de leitura com a qual trabalharei: uma prática discursiva, indissociável da escrita e sustentada por um corpo. O efeito da linguagem no corpo e a leitura remetendo ao sujeito, bem como as implicações da voz na leitura e no sujeito.

3.2 Sobre ler e escutar

Milano (2020), ao falar sobre o “ler”, traz à tona a imagem da leitura individual como um ato introspectivo, silencioso e reflexivo (mesmo que esses leitores valorizem a conversa e discussão sobre estas obras). A autora aponta ser esta modalidade silenciosa de leitura ser um padrão supostamente almejado para o leitor contumaz, e ainda que esta seria uma modalidade de leitura tida como erudita e correta. Mais adiante no seu texto, a partir destas reflexões sobre a cena solitária da leitura, ela nos diz: “para ler um autor é preciso estar disposto a ler-se” (MILANO, 2020, p. 27); ou seja, a leitura de um texto literário parece sofrer efeitos

interessantes, especialmente quanto atravessado pela voz, ou vozes, como é o caso da leitura em voz alta compartilhada.

A leitura, mais evidentemente a leitura em voz alta, implica o corpo. A partir deste ponto, são desenvolvidas as circunstâncias que unem leitor, corpo, língua e texto. De acordo com Pastorello (2015), a leitura em voz alta apresenta especificidades que a dimensionam como corporal, nesta modalidade de leitura existem diversos elementos implicados na produção de efeito de sentido.

Zumthor (2018), ao introduzir a noção de performance, dimensiona a recepção ao ato da leitura, onde “percepção” seria o momento de enunciação, momento em que o enunciado é recebido, já a “recepção”³³ seria um termo de compreensão histórica que designa um processo implicado. Para ele, desde a leitura silenciosa passando pelo poético e o oral, existe uma gradação performática, uma presença maior ou menor daquilo que ele chama de teatralidade, uma vocalidade, que envolveria a passagem da língua ao ato, do texto ao corpo. Assim sendo, em uma situação como a da leitura em voz alta, teríamos uma performance completa, uma vez que temos o que Pastorello (2015, p. 69) se refere como “audição acompanhada de uma visão global da situação da enunciação”.

Na leitura em voz alta, a situação presencial de leitores e ouvintes/leitores cria um espaço de enunciação diferenciado. Há uma cena de leitura em que o corpo leitor é visto e ouvido. Aquele que lê em voz alta está evidentemente na relação com o texto, mas também endereça sua leitura ao outro, que escuta. O leitor empenha seu corpo na produção do sentido do texto e na oferta ao outro. Ele se dá a ver e escutar em sua relação com o texto. Tal prática implica a invocação do outro, o chamamento pela voz. Quem escuta está também em posição de leitura, na relação com o texto, mas também na relação com o leitor, como testemunha da subjetividade, como convocado a penetrar na intimidade da cena de leitura pelo olhar e pela escuta (PASTORELLO, 2015, p. 69).

Milano (2020) diz que quando a leitura se oraliza, ocorre algo como um despertar da voz. Para corroborar com esta ideia ela cita a atriz argentina Maria Héguiz, que diz: “os livros vivem na voz da gente” (HÉGUIZ *apud* MILANO, 2020, p. 29). Para Milano seria o despertar da voz que atualizaria diferentes jeitos de significar um texto, sendo através dessas atualizações que brotam associações, lembranças, interpretações singulares para cada leitor. Segundo ela, o entrelaçamento de corpo, voz e escuta traz consigo experiências multifacetadas em relação a produzir e perceber diferentes vozes.

³³ Para Zumthor, a recepção mede a extensão corporal, espacial e social onde o texto é conhecido e nas quais produz efeitos, o autor cita como exemplo “a recepção de Shakespeare na França, no século XVIII” (ZUMTHOR, 2018, p. 47).

Milano comenta ainda que desde o momento que decidimos iniciar uma leitura em voz alta compartilhada também ativamos uma pluralidade de escutas, o que é fundamental para arejar interpretações, abrir o texto, e até mesmo nos libertar de modos mais rígidos de leitura. Neste sentido, Pastorello (2015) complementa apontando que escutar alguém lendo é também posicionar-se intersubjetivamente, em estado de recepção, situação em que aquele que lê, não apenas recria o texto a partir da sua relação com o material linguístico, mas envolve-se com as materialidades corporais implicadas no ato.

A voz não é qualquer corpo. É o corpo que se lança no espaço, na direção do outro. É o transbordamento do corpo para fora dele mesmo, tocando o corpo do outro, mesmo à distância, pelos ouvidos. Se os olhos capturam, a voz chama. A voz é o corpo que vai ao outro e que volta em si mesmo [...] (PASTORELLO, 2015, p. 70).

Para Bajour (2012), a escuta se inicia já na seleção dos textos. O regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo, em princípio para quem fala, já que escuta enquanto diz a outros o que o texto suscitou em si e desse modo ensaia sua leitura, “assim como um músico quando lê uma partitura” (BAJOUR, 2012, p. 23).

Bajour, ao citar Chambers, diz que o encontro com a palavra do outro, ao falar juntos, como um instante de decolagem de voo em direção a algo, que até o momento do bate-papo era desconhecido, faz com que a escuta do outro se entremeie à nossa. Esse encontro de fragmentos pode gerar algo novo, algo que não se chegaria na leitura individual.

Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual (BAJOUR, 2012, p. 25).

Milano (2020), a partir da fala de Barthes (1987) em *O Prazer do Texto*, introduz um questionamento: “será que poderíamos falar em prazer da escuta?” (MILANO, 2020, p. 33). Para tentar responder essa pergunta a autora se vale de Jean (1999), ao dizer que, ao revisarmos o passado é possível encontrar inúmeros exemplos de singularidades partilhadas de prazer através da leitura em voz alta, e acredita, assim como ele, que nas relações, apesar de toda a instrumentação midiática ainda há um belo futuro para o prazer da escuta.

É em Santo Agostinho (1984, p. 303-304) que se encontra a expressão “tentações do ouvido”, alertando que os prazeres do ouvido prendem e escravizam. A audição, para além de um ato fisiológico, confere sentido. Neste caso já estamos falando do efeito que a audição provoca, estamos falando de escuta. Nessa direção, a experiência da leitura em voz alta tem mostrado que o leitor não lê para si próprio, mas para o ouvinte [...]. E eu ousaria dizer que o leitor, especificamente o leitor que se propõe a ler em voz alta em grupo, torna-se quase escravo do(s) ouvinte(s)! (MILANO, 2020, p. 33).

Ao falar sobre a função do “escutador” especificamente na leitura em voz alta compartilhada, Milano (2020) considera dois processos em andamento na mesma cena: o primeiro seria a escuta/deslocamento dos sentidos dado ao texto lido através da performance das diferentes vozes; o segundo, a escuta sobre a escuta dos outros, um momento de se deixar tocar pelo efeito da leitura que o outro faz. Uma repercutindo diretamente no texto lido, outra que segue ecoando quando se abre a roda de conversa sobre o texto lido. Por fim, a autora nos adverte que esta modalidade de leitura nos coloca num limite entre o individual e o compartilhamento que nem sempre nos é confortável.

[...] parece-me que, em tempos em que a imagem e a virtualidade dominam, ler em voz alta, parar para escutar o outro, é, no mínimo, uma ocorrência singular. [...] escutar é emprestar ouvido à voz do outro. E essa é uma experiência que demanda lidar com a alteridade. O outro – e mais especificamente a escuta do outro – é condição para que se construam as múltiplas possibilidades de interpretação de uma obra na (ou através da) leitura/escuta compartilhada (MILANO, 2020, p. 34).

3.3 Leitura compartilhada: o gesto de ler para e com o outro

“A palavra é metade de quem a pronuncia e metade de quem escuta” (Frase atribuída a Michel de Montaigne).

Gurdon (2019) comenta em seu livro³⁴ que no Museu Britânico em Londres, ao longo de uma série de galerias repletas de antiguidades gregas, há uma caixa de vidro que contém uma ânfora preta e ocre brilhante, parecendo um jarro ou vaso. O objeto foi feito por um artesão em Atenas no início da Idade de Ouro, por volta de 490–480 a.C., e é decorado com uma figura de cada lado. O primeiro é um músico de saia longa e túnica quadriculada mostrada de perfil completo; parece ter sido registrado no exato momento em que sopra em um instrumento de palheta. Do outro lado, um homem de manto pregueado está em uma posição de comando relaxado, com um braço estendido e apoiado em um cajado de madeira alto; a boca do homem está aberta e, se você olhar de perto, poderá ver um pequeno arco de texto saindo de seus lábios. Traduzidas, as palavras diziam: “Era uma vez em Tiryns...”. Essa figura é um rapsodo³⁵, ou “costurador de canções”, e uma espécie de prefiguração viva do ato de ler em voz alta.

³⁴ *“The enchanted hour: the miraculous power of reading aloud in the age of distraction”*, 2019.

³⁵ Na Grécia antiga, um rapsodo representava a figura do contador de histórias, não aquele que lê um livro, mas alguém que carregava consigo, na memória, todas as grandes obras, entre eles estavam dois grandes épicos de Homero: A Ilíada e A Odisseia.

Na cultura moderna, de acordo com Pastorello (2015), em especial na cultura alemã, existe a palavra *lesen* que remete a ler, *leser* a leitor, *vorleser* aquele que lê para outra pessoa. Na língua francesa, de acordo com a autora, existem dois termos que se referem à leitura em voz alta: *à haute voix* e *à voix haute*, estas duas inversões discriminam duas intencionalidades: *lire à voix haute* implica o gesto de ler em voz alta para o outro, enquanto *lire à haute voix* apenas indica a sonorização da leitura, pondo-se a leitura silenciosa.

Pastorello (2015) indica que na segunda metade do século XX, a partir dos estudos do gesto³⁶ (pode envolver um algo mais a ser lido) que acompanharam o crescimento do interesse pelas diferenças semióticas, se permitiu uma concepção de um sujeito não idêntico a si e soberano, uma vez que o gesto permite um texto outro, tomando sua dimensão como um movimento dirigido ao outro.

Viola teoriza o gesto vocal, que seria uma composição dinâmica de elementos fisiológicos e linguísticos que integra a voz no universo da linguagem. *Tomar a voz como gesto é entender que a voz é dinâmica, flexível e adaptável* (VIOLA *apud* PASTORELLO, 2015, p. 114, grifos do autor).

O gesto vocal envolveria o corpo em funcionamento, a serviço de um laço com o outro. Para Zumthor (2018), a voz seria um corpo que vai em direção ao outro e retorna. O que irá importar aqui, mais do que a intencionalidade do gesto, será a direcionalidade, que criará a cena da leitura fazendo circular o desejo. Ler em voz alta é um gesto endereçado a alguém. De acordo com Jean (1999), a leitura em voz alta foi, e continua a ser, uma maneira de partilhar prazer, conhecimentos e informações. O que parece ir ao encontro do que aponta Milano (2020), quando cita Santo Agostinho sobre os riscos e tentações do “prazer da escuta”.

Para Milano (2020), o que acontece na leitura compartilhada é propiciar o encontro com o improvável, com o inusitado, onde as múltiplas interpretações que brotam se dão a partir do efeito que a escuta do texto na voz do outro evoca. “Talvez essa sensação produzida pela escuta compartilhada, se aproxime daquilo que Jean (1999, p. 72) chama de sublimar a voz” (MILANO, 2020, p. 35).

Para a autora, na leitura em voz alta a presença do corpo é sentida, e muito, mas também há uma evanescência deste corpo quando cada participante conta com seu corpo, um corpo que respira, que produz sons e captura sons produzidos pelos outros. Durante a leitura, há corpos

³⁶ Para Saibro (no prelo) a noção de *Gestus* refere-se essencialmente ao caráter expressivo das atitudes humanas, tornando visíveis conteúdos que não se expressam por si mesmos, os sentimentos da alma ou o fundo social das atitudes que a familiaridade cotidiana encobre. Os gestos estariam articulados com a rede de conexões sociais que sustentam as relações entre os homens.

que se tensionam, se arrepiam, mãos que suam. A relação entre leitura e corpo é também tangenciada em seus aspectos subversivos, afinal, “a leitura seria o gesto do corpo (é como o corpo, certamente, que se lê) que, com um mesmo movimento, coloca e perverte a sua ordem: um suplemento interior de perversão” (BARTHES, 2004, p. 33).

Stevanin (no prelo) ao falar sobre ler com os outros nos encontros de leitura em voz alta compartilhada, diz que este momento soa como uma dança que se deixa ser ensaiada por muitos e que ao mesmo tempo permite que cada pessoa possa esboçar seus próprios movimentos, estratégias de trânsito, passos de dança. O leitor, por não estar sozinho, não mergulha apenas na sua introspecção, no seu imaginário, na sua própria rede de associações e jeitos de encarnar o texto escrito, tampouco está sob vigilância do poder e saber de um outro que se coloca como autoridade. Para o autor, a leitura em voz alta se torna um exercício de ir e vir da voz entre o corpo próprio e o corpo dos outros, ir e vir das palavras pela voz que faz a sensibilização entre os corpos que vibram no ritmo do tempo e do bando³⁷.

Milano (2020) fala sobre a voz que se presentifica no tempo da leitura, que dá a sensação de “atravessar a palavra” – a voz rasga a palavra, vai além. Se a voz do leitor é essa coisa capaz de atravessar, rasgar e ir além da palavra escrita, animando o texto literário e fazendo vibrar uma porção de outras coisas, essa vibração decerto cada vez acontece de um jeito, e vai se atualizando nas rodadas de leitura sob forma de diferentes ritmos, intensidades, sotaques, fluências e até mesmo truncamentos.

A luz da cabeceira da minha avó, eu, muito pequena entendi o sentido que hoje dou ao fato de que a Leitura começa *pela voz do outro*. Era ela quem, a exemplo do leitor de Borges, me conduzia por “As mil e uma noites” e, tal como Sherazade, narrava a história para “salvar” sua própria vida, e a minha, reintroduzindo no tempo a capacidade de transformar a história por meio da história. Ao ler para mim, fazia-me existir no mundo e me ensinava, a cada página, que a leitura não dependia antes da apropriação de um sistema escrito, mas sim da combinação dialógica empenhada pela leitura em voz alta (JUCHEM, no prelo, grifos do autor).

No trecho acima Aline Juchem (no prelo) recupera as lembranças que tem de sua infância, conferindo à leitura um lugar especial: o gesto de ofertar as histórias dos livros realizado pela avó evidenciam especificidades da leitura em voz alta como enlaçadora e subjetivante.

O que busco evidenciar aqui é o fato de que o gesto sempre parte daquele que se propõe a ler. A forma como se lê e a maneira de se encontrar com o texto vão determinar o laço inicial

³⁷ Stevanin (no prelo), ao fazer referência ao termo bando, está se referindo à forma como ele nomeia o grupo de leitura em voz alta compartilhada.

no gesto do leitor. Não tenho pretensão alguma de afirmar que a leitura em voz alta é a única forma de ler e proporcionar discussões; ainda assim, a leitura feita em voz alta, realizada com e para alguém, parece encorajar os leitores a tecer e emitir as próprias opiniões sobre as leituras realizadas. Talvez isso se dê porque a voz “é antes de tudo efeito. Voz é efeito de escuta no outro. A gente não ouve a voz, o que se ouve é o efeito que uma voz produz em nossa escuta” (MILANO, 2020, p. 29).

De acordo com Ayub (no prelo), ao término da leitura o efeito ainda está ali, o texto lido e ouvido ainda paira no ar, as vozes ainda ressoam ao grupo: estão todos sob o efeito da leitura em voz alta, o que parece justamente impulsionar a reação que se tem sobre ela, a vontade de falar sobre o que se leu e ouviu, uma vez que há no gesto de ler para o outro algo que é determinante e que sustenta seu valor singular.

Ao finalizar este capítulo, e antes de passar às considerações finais, é importante destacar que embora alguns autores considerem o ato de ler em voz alta revelador, outros libertador, e até mesmo como um ato de resistir e existir, todos de uma forma ou outra concordam que a leitura em voz alta potencializa não apenas o encontro com o autor, mas também o encontro com o outro (inclusive o outro que temos dentro de nós).

Considerações (nunca) finais

A voz que deu origem a este texto, agora cede lugar à voz do leitor. Um texto chega ao seu objetivo quando depois de algum tempo e, talvez, distante alguns quilômetros de onde partiu, retoma sua forma de voz. Concluir com a voz do leitor é o fim em todos os sentidos desta palavra. O leitor-ouvinte não somente lê, mas ouve ao ler. Ouve a sua voz. Voz que ao ler o texto restabelece a vida nas palavras nele contidas. Palavras vindas de outros discursos. Palavras que não possuem um proprietário definido. Palavras que carregam uma despedida (HARTMANN, 2007, p. 215).

Ao finalizar um texto já se tornou comum, no meio acadêmico, dizer que as considerações finais de um trabalho não são finais, que deixam margem a outros caminhos e complementações. Reitero aqui esse discurso atribuído a esse tipo de considerações. De fato, qualquer pesquisa ou interesse de conhecimento é tecido em diálogos que nunca são ou poderiam ser finais. Neste sentido, no máximo produzimos um acabamento provisório do texto.

Ao iniciarmos nossas considerações finais, é importante deixar claro que, por mais que se tente, e por vezes de uma forma até exaustiva, conceituar metodologicamente o termo “voz”, não existe uma única definição precisa. A voz é algo subversivo, que sempre escapa à possibilidade de ser “cristalizada” enquanto conceito, e é exatamente isto que a torna algo único. À medida que consegue ir se desvencilhando desse caráter de “poder” imposto por quem quer conceituá-la, torna-se capaz inclusive de desarmar narrativas.

Voz é função, é matéria, voz tem a capacidade de conectar, a voz abala, atravessa, ela quebra e desfaz muros. A voz é algo que acontece no espaço, mas essencialmente *entre* (seres, pessoas, posições etc.). A voz é do falante, mas também do ouvinte, e será nessa relação *entre* falante/ouvinte que ela existirá. Através da voz é possível dialogar mantendo as especificidades de cada campo.

Por esses e outros motivos que ao abordar a voz, mais especificamente dentro do campo da leitura em voz alta, tive o cuidado de não limitá-la a um único conceito, atribuindo-lhe a ideia de complexo, que a exemplo de um sistema, composto por inúmeras partes, constitui uma unidade capaz de dar forma, sentido e significado, mantendo assim um diálogo aberto com outras ciências que também dela se ocupam.

Ao iniciar o diálogo com a linguística, nos damos conta de que, apesar da voz ser um elemento importante, e estar na base da linguagem, a linguística ainda lhe atribui pouco valor, e quando se ocupa dela, acaba por apagar suas características não articuladas. Por isso, é que

devemos ter o cuidado de não pensar a voz apenas em alguns de seus aspectos, pois isso acabaria por desconsiderá-la na sua totalidade.

Inicialmente, pareceu-me que para pensarmos a voz como produtora de efeito de sentido dentro do campo da linguística, seria necessário ficar restrito ao campo da enunciação ou da análise do discurso, que são áreas que se interessam pela voz na perspectiva da linguagem/discurso, produzindo possibilidade(s) de subjetivação ao ser evocada.

No entanto, Maliska (2008) aos poucos nos mostra que em Saussure já podemos encontrar rastros dessa voz, quando o genebrino faz referência ao termo “figura vocal” tanto no CLG, quanto nas demais fontes manuscritas.

Através das contribuições de Stawinski (2016, 2020) e de Barbosa (2022), destaquei o quão importante se faz o elemento sonoro em Saussure, não apenas em sua materialidade, mas também em sua capacidade de significar na *langue*. Essas autoras também auxiliaram a pensar a voz, ou seja, o som enquanto figura vocal e o som como signo, o que de acordo com Barbosa (2022) nos leva a reavaliar o lugar do aspecto fônico e da materialidade para pensar o estatuto da figura vocal nas ideias saussurianas.

Outro aspecto importante da obra de Saussure que contemplei neste trabalho foi o circuito da *parole*, que coloca falante e ouvinte interagindo frente-a-frente, e que além de servir como base para os estudos benvenistianos sobre o sujeito que enuncia, também serviu para que eu pudesse propor um “circuito da voz”, pois antes mesmo que o cérebro inicie um processo psíquico que ligará imagens acústicas e conceitos, formando signos, o que existe é voz. O que me permite afirmar que, para que o circuito da *parole* aconteça, precisamos de um “circuito da voz” em funcionamento.

Ao descrever o circuito da *parole*, ainda que Saussure não estivesse preocupado com a enunciação, acaba por se aproximar do que Benveniste mais tarde aponta como um homem falando com outro homem, descrevendo o que é da instância dialógica que envolve o eu/tu na enunciação. Mikhail Bakhtin, outro autor de quem me ocupei neste diálogo, também trabalhou essa relação eu/tu; em sua obra Bakhtin propõe inclusive a literatura como uma forma de nos relacionarmos com o outro, onde o princípio do dialogismo se apresenta a partir da premissa da constituição do eu pelo outro.

Neste mesmo capítulo, onde propus o diálogo com o campo dos Estudos da Linguagem, abrindo espaço para conversar com a literatura, busquei focalizar a figuração da voz, do ponto de vista da literatura, tomando o cuidado de não a reduzir apenas ao discurso oral e semântico, mas sim vê-la implicada em um campo relacional de ressonâncias entre os sujeitos e suas narrativas literárias, tal como se daria em um processo enunciativo.

Dentro deste diálogo, entre voz e literatura, me deparei com a performance e a escrita poética. Pois de acordo com Oliveira (2018), é neste contexto que a corporeidade exigida pelas percepções poéticas traz à presença a figuração performática da voz. Nesse circuito de ressonâncias, o leitor é aquele afetado pelo seu corpo, e em sua imaginação pelo desejo de reconstruir o lido num outro corpo-voz, atestando o prazer que o texto poético nele provocou. Nas palavras de Zumthor,

performance é o único modo vivo de comunicação poética e, de forma mais radical, ainda o poético, para gerar seus efeitos necessita da presença viva de um corpo: de um sujeito [...] que ouve, vê, respira, abre-se aos perfumes, ao tato das coisas. Que um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não depende do sentido que nosso corpo tem (ZUMTHOR, 2018, p. 34-35).

Outra posição importante com a qual Zumthor contribuiu para a elaboração do presente trabalho foi a partir de suas referências sobre as marcas da “voz na letra”; o autor teve grande importância ao trazer a voz e a oralidade para dentro da escrita, oferecendo ao âmbito literário novas perspectivas de leitura e análise à medida que distinguiu os conceitos de voz e de oralidade.

O diálogo seguiu através de uma provocação de Medeiros (2007) sobre os novos equipamentos que acabam por separar aquele que fala daquele que ouve, o que acabaria por eliminar a performance, que é quando todo corpo comunica junto com a voz. E segui até o momento em que a autora traz à tona a distinção entre os ambientes escolares que hoje são locais de aquisição e aprimoramento da escrita, o que os torna muito diferentes do ambiente doméstico, criando uma dicotomia entre o mundo escolar, no qual se aprende pela palavra escrita, e o mundo fora da sala de aula, no qual a voz predomina, constatando que a escrita não é uma forma natural de expressão humana e, ainda segundo Medeiros, a reparação para esse tempo em que a escrita se sobrepõe a oralidade estaria em um retorno à oralidade.

Este retorno à oralidade conduz à última parte deste capítulo, a partir do qual inicia meu percurso pelo mundo da leitura em voz alta com a pergunta: “*mas por que ler em voz alta?*”

E foi Jean (1999) que deu pistas que puderam me auxiliar a “responder” esse questionamento ao dizer que a leitura em voz alta é importante por tratar-se de uma atividade de integração, que assume uma função social, pois é através dela que leitor e ouvinte estão ligados pela voz, numa relação de identidade e cumplicidade, uma vez que um empresta sua voz carregada de informações e emoções para o outro, que se propõe produzir sentidos oriundos da pronúncia das palavras.

Ao passar para o segundo capítulo, que recebe o nome de “Voz, psicanálise e linguística”, tentei estabelecer uma relação entre esses campos a partir de um olhar psicanalítico sobre o elemento voz. E à proporção que entrei nessa discussão, fui entendendo que a psicanálise, apesar de ter a voz como elemento fundamental, acaba dando lugar à fala, haja visto que, conforme alerta Vives (2021), não temos nenhum verbete sobre o termo voz nos dicionários de psicanálise.

Conforme avancei no capítulo, a psicanálise contribuiu para o entendimento de que o sujeito não é somente produtor da voz, mas também é, igualmente, seu produto, pois ela está sempre voltada para o outro. Vives (2013) vai além e nos diz que criar uma voz seria uma maneira de consolidarmos nossa existência, pois a voz, para ele, pode ser entendida como um canal para aproximação do “eu”, seja ele consciente ou não.

Esse diálogo com a psicanálise se estendeu também ao campo da linguística, que já está presente na obra de Freud desde os estudos das afasias, indo até Lacan, que propõe novas reflexões, a partir das quais reconduz a psicanálise à fala e à linguagem, apropriando-se de vários conceitos linguísticos, estudados a partir de Saussure. Lacan irá correlacionar os conceitos de *langue* e *parole*, com os conceitos de linguagem e fala, renunciando à divisão entre *langue* e *parole*, chegando até a subversão do signo linguístico proposto por Saussure; Lacan eleva a posição do significante em relação ao significado (S/s), fazendo com que esta teoria assumira um papel bastante importante dentro da psicanálise.

Também é fundamental sublinhar aqui o papel importante que a escuta ganha com a psicanálise; quando Freud decide se colocar na posição de “escutador” dos seus pacientes, abre espaço para a singularidade do outro que fala, seja referente ao pedido de ajuda, seja no que diz respeito ao efeito da ação terapêutica.

Outro aspecto relevante em relação à psicanálise foi destacado por Caldas (2007), quando ela aponta o uso do divã como algo que possibilitou ao analista olhar menos e ouvir mais, colocando assim a voz do paciente como seu centro de gravidade.

Por fim, neste capítulo, passei a tratar sobre uma das modalidades terapêuticas a partir de um viés psicanalítico, que são os trabalhos com grupos, que mais uma vez cria um link com o objeto deste estudo – a leitura em voz alta, pensando que esta acontece na modalidade grupal.

Para abrir essa conversa, busquei apresentar um conceito de grupo a partir de Bleger (1998), que o define como um conjunto de indivíduos que interagem entre si compartilhando certas normas em uma tarefa. Grossi & Bordin (1992) propõem a organização dos grupos a partir da existência de dois grupos principais, sendo o primeiro a família, e o segundo

relacionado aos meios sociais; a partir daí o sujeito passaria a pertencer a novos grupos de acordo com sua trajetória.

Os grupos são espaços que servirão como agentes de mudança e transformação, devido ao vínculo estabelecido. Vínculo esse que para Pichon-Riviére (2009) terá uma importância fundamental para a compreensão do grupo, pois sem eles, de acordo com o autor, teríamos apenas agrupamentos de pessoas.

E assim, segui para o terceiro e último capítulo, no qual me ocupei da leitura em voz alta e produção de subjetividade; para isso, parti das ideias de Gurdon (2019), que traz a leitura em voz alta como uma alternativa à desconexão que o mundo e as pessoas vêm sofrendo – pois, além de servir como um estímulo para as redes cerebrais e proporcionar uma ampliação das experiências sociais, cultivar a empatia e acelerar a aquisição da língua, no caso das crianças, os adultos que desfrutam desta experiência se beneficiam também de forma intelectual, emocional, literária e até mesmo espiritual. Já Milano (2020) aponta que ler em voz alta é um ato de resistência ao ritmo louco e apressado que nos impede de construir redes.

Neste capítulo, foi possível voltar um pouco no tempo com o auxílio de Manguel (2021) ao lembrar que a modalidade de leitura em voz alta foi sendo colocada, pouco-a-pouco, em desuso ao longo dos tempos, ficando reduzida às utilizações escolares e religiosas. Para o autor, essa leitura em voz alta com outras pessoas na volta implicava em compartilhá-la o que, segundo ele, talvez tenha servido como causa para o seu desuso.

No entanto, a partir das minhas leituras, pude perceber que nos dias de hoje existe um retorno à prática da leitura em voz alta, concebida de uma forma diferente da leitura escolar repetitiva, mas uma leitura em voz alta voltada ao caráter de convivência e socialização, caráter este que a leitura em si nunca chegou a perder.

Ao longo deste capítulo, mostrei que ler em voz alta é um gesto endereçado a alguém, a partir do qual essa leitura se torna uma forma de partilhar prazer, conhecimentos e informações. No ato da leitura compartilhada acontece o que Milano (2020) chama de “encontro com o inusitado”, onde as múltiplas interpretações se dão a partir do efeito que a escuta do texto na voz do outro evoca.

Nesse momento da leitura, o corpo pode ser sentido, quando o participante conta com seu corpo, um corpo que respira, que produz sons e captura sons produzidos pelos outros, conforme Milano (no prelo). Segundo a autora, durante a leitura há corpos que se tensionam, se arrepiam, mãos que suam. Milano retoma Barthes ao lembrar que a relação entre leitura e corpo é também tangenciada em seus aspectos subversivos, afinal, “a leitura seria o gesto do

corpo (é com o corpo, certamente, que se lê) que, com um mesmo movimento, coloca e perverte a sua ordem: um suplemento interior de perversão” (BARTHES, 2004, p. 33).

Ao falar do corpo, e sobre ler com os outros, Stevanin (no prelo) traz uma figura desse ato descrita por como uma dança – dança essa onde a leitura em voz alta se torna um exercício de ir e vir da voz entre o corpo próprio e o corpo dos outros, ir e vir das palavras pela voz que faz a sensibilização entre os corpos que vibram no ritmo do tempo e do grupo.

Ao final do capítulo, reporto as palavras de Milano (2020) ao falar sobre a voz que está presente no tempo da leitura, voz essa que dá a sensação de atravessar a palavra, de rasgá-la, que vai além da palavra escrita, fazendo o texto vibrar, e fazendo com que ele se atualize de rodada em rodada de leitura sob a forma de diferentes ritmos, intensidades, sotaques, fluências e até mesmo nos seus truncamentos. Ler em voz alta é um prazer para o leitor e para aqueles que o escutam. Aquele que lê, que empresta a voz para o autor, compartilha muito mais do que apenas o espaço de leitura, compartilha um espaço íntimo, subjetivo, que desperta no ouvinte novas percepções, sentimentos e sentidos sobre o mundo.

Ao finalizar minhas considerações, percebo que não ouvir atualmente não é mais apenas um problema da psicanálise, mas se tornou um problema da história dos saberes. A história da metafísica no ocidente tem se tornado um grande trabalho de apagamento da voz. Por isso, penso que a linguística, em especial o linguista, deva ter o cuidado de não silenciar essa voz, tornando tudo significante, ou tudo discurso, pois quando as coisas se tornam discurso, tudo pode ser analisado no mundo, porque afinal tudo é discurso, e ele explica tudo, o que acabaria por fortalecer um exercício de poder da razão sobre a voz que só funciona com o emudecimento dessas vozes.

Para concluir, como disse ao iniciar estas considerações, elas não são e jamais poderiam ser finais, ainda mais se levarmos em conta que, ao encerrar este trabalho, muitas são as perguntas que permanecem nas nossas cabeças, e como forma de compartilhar essas inquietações, e talvez até como forma de provocar os leitores deste texto a buscarem também respostas, encerro aqui com alguns desses questionamentos: seria a voz humana ou animal? Onde no corpo e no mundo está a voz? Em que lugar a voz encontra abrigo? Voz é da linguagem falada, ou da música, da poesia? Voz é algo ativo, ou passivo? Voz é algo encarnado, ou desencarnado?

Você arriscaria responder estas perguntas?!

Referências

- AIRES, Suely. Da quase equivalência à necessidade de distinção: significante e letra na obra de Lacan. *In: Psicanálise e Filosofia*. Vol. 02. São Paulo. 2005.
Disponível em: http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/significante_e_letra.pdf
Acesso em: 05 mai. 2021.
- AYUB, Gibran A. A Leitura em voz alta em contexto educacional: o caso da ONGEP. *In: MILANO, Luiza E. (Org.). (no prelo) Leitura em voz alta compartilhada*. Porto Alegre: Editora UFRGS.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas** – o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do gato, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso do romance: questão de literatura e estética. *In: A teoria do romance*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010b, p. 211-362.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In: Os gêneros do discurso*. São Paulo: editora 34. 2016, p. 71-107.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARBOSA, Victória, C. de G. **O Lugar da voz na linguística saussuriana: um estudo sobre o curso de linguística geral**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/242289>
Acesso em: 14 jul. 2022.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Portugal: Edições 70, 2018.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BLEGER, J. O grupo como instituição e o grupo nas instituições. *In: Temas de Psicologia, entrevista e grupos*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 101-122.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. (1958) *In: Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2020, p. 281-289.
- BENVENISTE, Émile. Os níveis de análise linguística. (1964) *In: Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2020 p. 133-145.
- BENVENISTE, Émile. O Aparelho formal da enunciação. (1970) *In: Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 81-90.

BITTENCOURT, Henrique B. et al. Psicoterapia on-line: uma revisão de literatura. *In: Diaphora*. Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. V. 09 n. 01, p.41-46, Porto Alegre, jan/jun 2020.

Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/202>

Acesso em: 20 jan. 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

CALDAS, Heloisa. **Dá voz à escrita**. Contra Capa. Rio de Janeiro, 2007.

COURSIL, Jacques. **La fonction muette du langage**: essai de linguistique générale contemporaine. Guadeloupe: Ibis Rouge Editions, 2000.

COSTA, Jobert T. *et al.* As práticas grupais e a atuação do psicólogo: intervenções em grupos no estágio de processos grupais. *In: Vínculo*. Revista do NESME. Vol. 15 n°. 02. 2018.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v15n2/v15n2a05.pdf>

Acesso em: 14 jan. 2023.

FERREIRA, Nádia P. Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. *In: Ágora* Vol. n°. 1, jan/jun. Rio de Janeiro. 2002.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento, SURREAUX, Luiza Milano. A Voz e a Enunciação. *In: NEUMANN, Daiane, DIEDRICH, Marlene S. (Org). Estudos da linguagem sob a perspectiva enunciativa*. Passo Fundo: Méritos, 2012, p. 81-100.

FREUD, Sigmund. **Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, Vol. I (1886 – 1889), Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, Vol. XXIII (1937 – 1939), Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. **A teoria linguística saussuriana, a essência dupla da linguagem, e o diálogo entre gesto e língua (de sinais)**: materialidade em questão. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/217765>

Acesso em: 24 nov. 2021.

GROSSI, Esther Pilar; BORDIN, Jussara. **A paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992.

GURDON, Megan Cox. **The enchanted hour: the miraculous power of reading aloud in the age of distraction**. NY: Harper, 2019.

HAINZENREDER, Larissa S. A materialidade significativa da língua segundo Saussure: do som ao signo. *In: Letrônica*. Revista digital do Programa de Pós-graduação em letras da PUCRS. Vol. 9, n. 1, Porto Alegre, jan/jun 2016, p. 09-19.

Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/22213>
Acesso em: 25 jul. 2022.

HARTMANN, Fernando. **A voz na escrita**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/Fernando_Hartmann.pdf
Acesso em: 03 mar. 2022.

JEAN, Georges. **A leitura em voz alta**. Tradução: Isabel Andrade. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 1999.

JUCHEM, Aline. Por um ouvir para ler: a leitura como uma “questão de boca”. *In: MILANO, Luiza E. (Org.). (no prelo) Leitura em voz alta compartilhada*. Porto Alegre: Editora UFRGS.

KLOSS, Nina P. **Voz: um índice da presença do sujeito na linguagem no contexto da clínica dos distúrbios de linguagem**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193529>
Acesso em: 21 jul. 2022.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar., 1998, p. 496-533.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução: Pedro Tamen, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACEDO, Mônica M. K.; FALCÃO, Carolina, N. B. A escuta na psicanálise e a psicanálise na escuta. *In: Psychê*. Revista de Psicanálise da Universidade São Marcos. N. 15, São Paulo, jan-jun 2005, p. 65-76.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v9n15/v9n15a06.pdf>
Acesso em: 12 mar. 2021.

MALISKA, Maurício Eugênio. Saussure e a Voz. *In: ReVEL*. Edição Especial n. 2. 2008, p. 1-11.

Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_voz.pdf
Acesso em: 22 abr. 2021.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras 2021.

MEDEIROS, Vera L. C. Quando a voz ressoa na letra: conceitos de oralidade e formação do professor de literatura. *In: Oragon*: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Vol. 21 n°. 42. 2007, p. 1-10.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/36161>
Acesso em: 20 ago. 2022.

MILANO, Luiza Ely; STAWINSKI, Aline Vargas. O arbitrário e/é a escuta. *In: Todas as Letras*, Vol. 22 nº. 02. São Paulo, mai/ago 2020, p. 1-17.

Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223900/001127425.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Acesso em: 16 abr. 2021.

MILANO, Luiza E., *Leitura em Voz Alta Compartilhada: a alteridades como espaço de escuta*. *In: FISCHER, Luís Augusto; OROFINO, Maria Marta Borba (Org.) Literatura na vida: experiências de ler e escrever na educação e na saúde*. Porto Alegre: UFRGS EDITORA, 2020. p. 25-34.

MILANO, Luiza Ely (Org.). (no prelo) **Leitura em voz alta compartilhada**. Porto Alegre: Editora UFRGS.

MILANO, Luiza Ely; AYUB, Gibran. A voz do leitor: algumas reflexões sobre o que se escuta quando se lê em voz alta. *In: Cadernos de Letras*. Revista do Centro de Letras e Comunicação. (44), Pelotas, 2022, p. 121-133.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/22678/14846>

Acesso em: 02 jan. 2023.

MILMANN, Elaine. **A instância da letra na leitura: o transbordamento da subjetivação psicótica no texto**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003.

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3903>

Acesso em: 05 mai. 2021.

NOVAES, Adauto. Entre vícios e virtudes. *In: NOVAES, Adauto (org.) Vida, vício, virtude*. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 2009.

OLIVEIRA, Maria R. D. Figurações da voz na literatura. *In: Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Vol. 20 nº. 35, 2018, p. 42-51.

Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/498>

Acesso em: 20 ago. 2022.

OTTARAN, Elisa Devit. **O lugar da escuta na aquisição das línguas a partir da teoria saussuriana**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199473>

Acesso em: 02 ago. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Editora Cortes, 2008.

OROFINO, Maria Marta Borba. **Suspensão da Descrença: uma intervenção de literatura no campo da saúde**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/173748>

Acesso em: 19 out. 2020.

OROFINO, Maria Marta Borba. Literatura aplicada: para uma partilha do sensível na produção do cuidado em saúde. *In*: FISCHER, Luís Augusto; OROFINO, Maria Marta Borba (Org.) **Literatura na vida: experiências de ler e escrever na educação e na saúde**. Porto Alegre: UFRGS EDITORA, 2020. p. 233-254.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Psicologia Grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PARRET, Herman. **La voix et son temps**. Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2002.

PASTORELLO, Lucila M. **Leitura em voz alta e a produção de subjetividade**. São Paulo: edUSP, 2015.

PETRILLI, Susan. Uma leitura inclassificável de uma escritura inclassificável: a aproximação bakhtiniana da literatura. *In*: PAULA, L; STAFUZZA, G (org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado das letras, 2010, p. 31-52.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PINHEIRO, Marilza G.; CUNHA, Maria C. Voz e psiquismo: diálogos entre fonoaudiologia e psicanálise. *In*: **Distúrbios da Comunicação**. Revista digital do Programa de Pós-graduação em comunicação humana e saúde PUCSP. Vol. 16, n. 1, São Paulo, abril 2004, p. 83-91.
Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11622/8354>
Acesso em: 11 jan. 2023.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma outra palavra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2001.

ROSOLATO, Guy. La voz: entre cuerpo e linguagem. *In*: HARARI, Yuval. **Pontualizaciones Psicoanalíticas**. Buenos Aires: Ed Trieb. 1997.

SAIBRO, Fabrício. (no prelo) **“Os Gestos”, de Osman Lins: um olhar a partir da perspectiva teórica do gesto**. Porto Alegre.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização por Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª edição. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. Organização e edição por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

STAWINSKI, Aline Vargas. **O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.
Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/140177>
Acesso em: 09 nov. 2022.

STAWINSKI, Aline Vargas. *À escuta da **langue-parole**: considerações a partir da teoria saussuriana*. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/217016>

Acesso em: 24 nov. 2022.

STEVANIN, Augusto. ***A voz e a palavra viva na leitura em voz alta compartilhada, notas d'um leitor***. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/246529>

Acesso em: 13 ago. 2022.

STEVANIN, Augusto. Notas sobre o leitor em voz alta. *In: MILANO, Luiza E. (Org.). (no prelo) **Leitura em voz alta compartilhada***. Porto Alegre: Editora UFRGS.

SUNDBERG, Johan, ***Ciência da voz: fatos sobre a voz na fala e no canto***. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2015.

TOSIN, Giuliano. Poesia sonora no Brasil e no mundo: uma revisitação atualizada. *In: **FronteiraZ***. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura, (27), 2021, p. 50-64.

Disponível em: <http://https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/54550>

Acesso em: 13 fev. 2022.

VICENZI, Eduardo. Psicanálise e Linguística Estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure a Lacan. *In: **Ágora** Vol. 12 n.º. 1, jan/jul. Rio de Janeiro, 2009, p. 27-40.*

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/JZR4xnCBZTCrHnhSbNyNGHD/?lang=pt>

Acesso em: 17 mai. 2021.

VIVES, Jean-Michel. ***A voz no divã: uma leitura psicanalítica sobre ópera, música sacra e eletrônica***. São Paulo: Aller Editora. 2021.

VIVES, Jean-Michel. La voix: une approche psychanalytique. *In: GAUDEMAR, Martine de. (éd.). **Les plis de la voix***. Paris: Ed. Lambert-Lucas, 2013, p. 101-109.

VOLÓCHINOV, Valentin. A interação discursiva. *In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem***. São Paulo: editora 34, 2017,

ZUMTHOR, Paul. ***Performance, recepção, leitura***. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ZUMTHOR, Paul. ***A letra e a voz***. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. ***Introdução à poesia oral***. São Paulo: Hucitec, 1997.